

TEMPO



ZAGUT



#FIQUEMCASA
#STAYHOME

Adriana Montenegro . Aleteia Daneluz .
Alexandre Palma . Alexandre Sadvovitz . Ana Angelim .
Ana Cristina Teixeira . Ana Luiza Mello . Ana Pose . Ana Schieck . Andrea Hilgert .
Angela Gentile . Anita Fizon . Antonia Barros . Augusto Herkenhoff . Bahie Banchik . Bel Guimarães .
Bel Mota . Benjamin Rothstein . Bosco Renaud . Cacia Chemin . Carmen Bello . Carmen Givoni . Cecília Rondon .
Celina Nolli . Celso Adolfo . Cesar Paes Barreto . Cirlei Gonçalves . Clara Cavendish . Claudia Tebyricá .
Claudia Tolentino . Claudia Watkins . Conceição Durães . Cunca Bocayuva . Debora Carneiro da Cunha . Dora Portugal .
Fernando Brum . Francinete Alberton . Galvão Jr. . Gilda Lima . Giselle Vieira . Gloria Conforto . Graça Pizá . Guta Moraes .
Helen Pomposelli . Hilário Almeida . Iracéia Oliveira . Isabella Marinho . Isis Braga . Jorge Barata . Jorge Cerqueira . José Rocha .
Katia Politzer . Leila Bokel . Lennart . Lenn Cavalcanti . Let Cotrim . Leticia Potengy . Lia do Rio . Liana González . Ligia Calheiros .
Lizete Zem . Luah Jassi . Lucas de Mattos . Lucia Lyra . Luciane Villanova . Marcela Ambrois . Marcelo Veiga . Marcia Cavalcanti .
Marcio Atherino . Marco Pomposelli . Maria Cecília Leão . Maria Perdigão . Mariana Campos . MarQo Rocha . Marta Bonimond .
Marta Strambi . Mary Di Iorio . Mauricio Tassi . Mauricio Theo . Mauricius Farina . Matheus Varaschin . Max Bôas Ribeiro .
Miguel Hijjar . Miro PS . Morgana Souto Major . Nilton Pinho . Noemi Ribeiro . Olivio Neto .
Pat Freire . Pedro Bento . piCCio . Pujollll . Regina Moura . Roberta Salgado . Roberto Negri . Robinson Oliveira .
Rosangela Soares Pinto . Rose Aguiar . Rose Nobre . Rosi Baetas . Sandra Gonçalves . Sandra Macedo .
Sandra Regina . Sandra Schechtman . Silvio Moréia . Simone Trombini . Sissi Kleuser . Sonia Guaraldi . Stela Kaz .
Teresa Coelho . Teresa Stengel . Teresinha Mazzei . Thairna Patricia Lee . Tina Velho . Uíara Bartira .
VeraLu . Vilma Lima . Zafira Nigri .

ZAGUT

Abertura

10 Outubro às 19h
2021

Exposição

virtual permanente
www.espacozagut.com

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

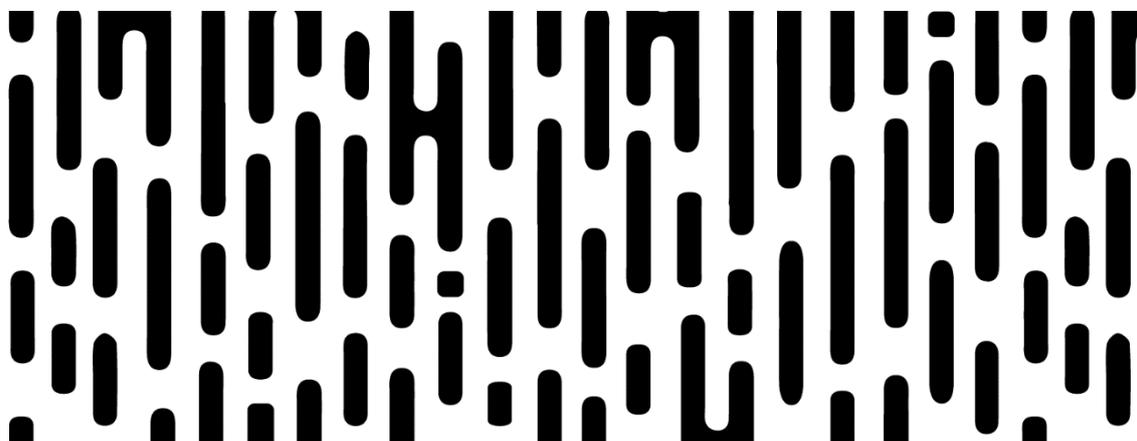
Ensaio crítico: Carlos Taveira

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



TEMPO É VIDA

Trois mille six cents fois par heure, la seconde chuchote: souviens-toi. Baudelaire

A ideia da exposição foi construída através das pesquisas de satisfação dos artistas no curso de vídeo realizado pelos queridos artistas Maurício Theo e Vicente Duque Estrada, referindo que gostariam de ter uma exposição sem temática, na qual pudessem colocar livremente suas obras, mostrar suas pesquisas. E o tempo foi dado, à falta de temática.

Vale ressaltar que as exposições na Zagut não têm uma curadoria propriamente dita, elas são trilhas, organizações, nas quais se sugere um caminho e o artista faz proposições, de forma a criar essa parceria, o resultado é fruto dessa interação. Muitos artistas fazem trabalhos específicos para a mostra, outros procuram interdisciplinaridades entre suas obras e os temas, buscando em trabalhos realizados há muito a conexão com a proposta.

Entretanto, alguns artistas gostaram do tema que, sem querer, o título acabou propondo, um tema muito caro à arte e à vida, o Tempo. E foram mais uma vez realizando trabalhos com a temática ou buscando em sua poética obras que transmitissem percepções sobre o Tempo. E dessa forma, novamente temos um tema, dessa vez, meio ao acaso.

O Tempo é um tema recorrente nas artes. Primeiro, ele sempre está presente em cada obra, de forma não perceptível, no tempo de sua elaboração. Mas a sua representação é colocada de formas diversas, por autores os mais variados.

Kate Bretkelly-Chalmers (2019) em seu livro lista as obras de Olafur Eliasson (seus icebergs que derretem); as performances de Marina Abramovic sobre a duração do corpo humano; o Relógio de Christian Marclay. Ian Sands listou outros: a série da Catedral de Rouen de Monet (com mais de 30 telas, da madrugada ao entardecer); Nu descendo a escada nº 2 de Duchamp; os homens de gelo que derretem da brasileira Néle Azevedo; a arte inflável de Joshua Allen Harris; a instalação de bambú e gelo de Mineko Grimmer. A Tate Modern se refere ao Time-Based Media, obras nas quais há uma lógica temporal de fruição, em geral vídeos, slides, filmes. Exemplifica com as pioneiras de Bruce Nauman, assim como de Douglas Gordon e Christian Marclay.

Em um longo artigo na Art in Society, Philip Mc Couat discorre sobre a importância no tempo nas artes, suas inúmeras representações como um homem ancião, ou em três fases da vida, através de relógios e ampulhetas, as estações, sempre comparando a transição da vida humana com a eterna vida divina. Com o advento da fotografia esse tipo de representação muda, e essa invenção permite o esquitejamento dos movimentos, com estudos de forma pormenorizada. A possibilidade de manipulação, fez com que a noção da realidade que a fotografia representava se modificasse, e o tempo também, possibilitando, por exemplo, a colocação de pessoas que já tinham morrido em uma foto, juntando passado e presente. Com o cinema ou a “fotografia animada”, a manipulação do tempo aumentou. Com a possibilidade do transporte de trem, o tempo do transporte se modificou abruptamente. E o impacto da industrialização, a mudança da população rural para urbana, sua comunicação

através de telégrafo e telefone, aumentou ainda mais a influência do tempo na sociedade.

Esse autor dá inúmeros exemplos de referências ao tempo na pintura. Já em 1860 George Elgar Hicks se refere ao relógio da Estação de Correio que diariamente é acertado a partir de sinais elétricos desde 1855, que vêm do Observatório de Greenwich: *The General Post Office: One Minute to Six*. A tecnologia que o trem representa é evidenciada por diversos artistas: em 1862 *The Railway Station* de William Powell Frith; em 1844 *Rain, Steam and Speed – the Great Western* de Turner; *A ponte do trem em Argenteuil* de Monet. Muitas obras após o advento da fotografia se modificaram, por exemplo as que representam cavalos os colocam com as quatro patas no chão, como é o caso das de Degas, Eakins, Meissonnier, Remington. Outras representam momentos fugazes, em posições não habituais, como flashes fotográficos, exemplifica com os *No Moulin Rouge*, de Toulouse-Lautrec; *Senhora Cassatt lendo para seus netos*, de Cassatt; *Place de la Concorde*, de Degas. E lembra que Monet chamou de instantaneidade o que se pinta, não uma paisagem, mas a impressão de uma hora do dia. Bonnard falou que a obra de arte é uma forma de parar o tempo.

Daniele Perez nos lembra da obra de 1999 de Gianni Motti, na qual se calcula o tempo que sobra à humanidade até o desaparecimento do sol.

Thomas Laugier em artigo para *Art Majeur*, além de diversas obras já comentadas, nos lembra das de Roman Opalka, colocando uma progressão numérica durante 46 anos, de 1972 a 2008, quando foi colocando 1% a mais de branco em cada fundo negro de suas telas, até que o fundo ficasse completamente branco. Também mostra um mosaico de Pompéia, já com representação de uma caveira.

Em palestra sobre artes e a transcendência do tempo na USP em 2016, Akitoshi Edagawa, professor da Universidade de Artes de Tóquio, diferencia as artes relacionadas à performance como as artes do tempo (há um contato durante o ato da realização com o público), das artes visuais quando esse contato ocorre após a realização da obra. Esse pesquisador ainda chama atenção em relação à obra de arte refletir a época em que foi produzida, mas continuar podendo ser interpretada e fruída no futuro, talvez de forma diferente da mensagem que o autor gostaria que fosse passada. Apesar das incorporações tecnológicas ao longo dos séculos nas artes, esse fato ocorre de forma bem diferente do que ocorre com a ciência. O pesquisador exemplifica com a gravura *Melancolia 1* de Dürer e o cometa, formas geométricas e o compasso que é segurado pelo personagem. Relaciona essa forma geométrica da gravura com a escultura *Cubo* de Giacometti. Também se refere a alguns trabalhos do espanhol Antonio Lopez: *Homem e Mulher* (corpos jovens e cabeças envelhecidas); *Grande Avenida* (fatos que ocorreram no local enquanto era pintado); *O Jantar* (mudanças na face da mulher durante os nove anos que durou sua realização).

Dois fotógrafos que brincam com o tempo do obturador são exemplificados por Bruno Assumpção em seu blog: Darren Almond, que em noites de lua cheia o deixa aberto por até 45 minutos, e Michael Wesely que o deixa por até 3 anos, por exemplo durante a reforma do MOMA.

Nas Vanitas (vaidade e hedonismo), iniciadas na Holanda barroca, que têm sempre a representação do tempo através de caveiras, velas queimando, flores despetaladas; ao famoso Persistência da Memória de 1931 de Salvador Dali com seus relógios derretidos, o tempo está presente.

Katia Canton em texto para a Artsoul nos lembra o tempo de memória, tão comum nas obras dos artistas contemporâneos, talvez se contrapondo à rápida passagem do tempo na vida atual. Nos apresenta alguns importantes autores para essa abordagem. Walter Benjamin e o declínio da experiência, essa tradição compartilhada que ocorre na duração do tempo. E Paul Virilio, com a poluição dromosférica (dromos-corrída), com diminuição da relação da profundidade entre homem e meio ambiente e com isso provocando um apagamento da densidade das experiências. E cita Bill Viola: "...cada vez menos informação em mais tempo e assim provocar mais contemplação".

Priscila Arantes, em seu texto de 2008, além de citar também Benjamin e Virilio, nos lembra Kant e seus conceitos de tempo e espaço de modo abstrato e igual para todas as épocas, com o qual a autora discorda. É interessante a colocação desse filósofo, admitindo que o espaço e o tempo existem a priori (não haveria como não existir nada antes do tempo não existir), se constituindo em uma forma de intuição humana. Inclui também a análise do conceito marxista da troca do tempo humano por dinheiro como uma simples mercadoria.

Há diversas exposições dedicadas ao Tempo como tema, no Brasil e no exterior.

Em 2007, no Itaú Cultural houve a exposição Memória do Futuro – dez anos de arte e tecnologia, sendo editada a revista Continuum, com o tema Tempo da Arte, Arte do Tempo.

Em 2010, ocorreu no Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Niterói, uma exposição com instalações de 5 artistas (Ricardo Basbaum, Leila Dazinger, Malu Fatorelli, André Parente e Lívia Flores), todas com vídeos, Tempo-Matéria. Fez parte de um projeto de pesquisa do curador Luiz Claudio da Costa, com várias conversas, inclusive no Parque Lage.

Em 2012, no Museu da Carolina do Norte, ocorreu uma exposição com 60 obras em que se refletia o conceito de tempo e sua influência na arte, como é usado como forma, conteúdo, material na arte e como a arte é usada para representar, evocar, manipular, ou transformar o tempo.

Em 2018, na Lehman College Art Gallery, a exposição Tick Tock: o tempo na arte contemporânea, com 50 artistas, também abordou o tema, como o bem mais precioso que temos. Relógios de todo tipo, caveiras, ampulhetas, fotografias envelhecidas, calendários, aparelhos tecnológicos, astronomia, não faltam representações.

Atualmente ocorre no Paço Imperial a mostra da querida Ursula Tautz, O Som do Tempo, que há sete anos se debruça sobre o tema. Em texto anterior à mostra, uma reflexão de Gisele Fernandes: "... por esse balanceamento de razão e imaginação é que se estabelece a reflexão sobre o espaço, o tempo e a memória, que contextualizados com as relações humanas, são capazes de gerar a sensação de pertencimento." E no texto da exposição no Paço, a de Ivair Reinaldim: "...entre registros familiares...materialidade dos sinos e dos

sons...produz torções entre memórias individuais e coletivas, vestígio da passagem do tempo...o som do sagrado e o soterramento do aqui-agora”.

No seu livro *Ordem e Progresso* (1959, pag. 33), Gilberto Freyre junta a empatia, tema que gosto de me aprofundar, de meu doutorado, com o tempo, referindo que: “Sem empatia, não é possível o estudo do passado assim amplo e intenso a um tempo, social e pessoal. Estudo que nos transmita do passado humano um pouco do que nele foi valor vivo, símbolo vivido; ou existência, vivência, experiência, condicionada por valores e símbolos.” No prefácio de *Casa-Grande e Senzala* (1933), se refere ao “tempo morto” e “tempo vivo”, propondo um terceiro, síntese de ambos, onde viveria o grupo humano. Mariza Veloso, estudiosa do autor, refere em seu artigo como Freyre se remete à saudade, ou nos seus diálogos com Proust, a ‘remebrança”, utilizando como “um método empático de recapturar o tempo morto, procurando fazê-lo viver...articulado com o presente e o futuro da sociedade...”

E recorro a Caetano para fechar este texto: “...Compositor de destinos; Tambor de todos os ritmos; ...De modo que o meu espírito; Ganhe um brilho definido; ...E eu espalhe benefícios; Tempo, tempo, tempo, tempo...”

Que a mostra traga muitos benefícios em forma de reflexão e fruição a todos!

Referências Bibliográficas:

Arantes, Priscila. *Arte, tempo e memória*. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2008

Freyre, Gilberto. *Casa-Grande e senzala*, 1933/1971. Ed. Aguilar.

Freyre, Gilberto. *Ordem e progresso*, 1959. Ed. José Olympio.

Kate Bretkelly-Chalmers. *Duration and Change in Contemporary Art, Beyond the Clock*, 2019.

Veloso, Mariza. Gilberto Freyre e o horizonte do modernismo. *Soc. estado*. 15 (2), Dez 2000.

<https://doi.org/10.1590/S0102-69922000000200008>

<https://theartofeducation.edu/2014/04/18/new-ideas-in-art-time-as-an-element/>

<https://www.tate.org.uk/art/art-terms/t/time-based-media>

<http://www.iea.usp.br/noticias/o-tempo-na-arte>

<http://www.faperj.br/?id=1668.2.3>

http://lounge.obviousmag.org/olho_sobre_tela/2012/05/o-passar-do-tempo-como-tema.html

<https://blog.artsoul.com.br/tempo-memoria-e-arte-contemporanea/>

<https://issuu.com/itaucultural/docs/revista-continuum-1/2?ff>

<https://www.ursulatautz.com/>

<https://perezartsplastiques.com/2017/05/11/le-temps-dans-lart/>

<https://www.artmajeur.com/fr/blog/la-representation-du-temps-qui-passe-dans-l-art/330158>

A passagem do tempo.

Carlos Vinicius da Silva Taveira (Historiador da arte. Mestre em história e doutor em literatura, cultura e contemporaneidade)

Introdução

A música “*o tempo não para*” do cantor e compositor brasileiro Cazuza possui um verso emblemático sobre uma forma de percepção do tempo: “eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades, o tempo não para.”. Trata-se de uma visão em que a linha temporal que popularmente consideramos como linear, ou seja, saindo de um ponto A para a direção de outro em B, não apresenta mais sentido em seu distanciamento, pois seus polos que são o passado e o futuro são misturados em palavras/metáforas como “museu” e “grandes novidades” criando uma síntese, onde antes justamente surgia uma dispersão. O tempo não é mais visto como puro, mas sim, como desenlace de uma grande amálgama.

Entre uma percepção do tempo como listada em nossos instrumentos temporais de controle como calendários, relógios, ampulhetas e outros, o poeta optou por pensar em outra direção destacando como sua sensibilidade apontou para fora do esquema em linha, e que simultaneamente se enquadre na esfera da sensibilidade e dos afetos. Em outras palavras, o tempo sai do campo de atuação meramente da lógica e atravessa para o espaço da poesia estética. Isso significa uma transformação do tempo como ser inerte e domesticado, para uma abordagem fluida e de natureza mais complexa.

Dito isso em forma de preâmbulo introdutório, a exposição desse mês que a galeria Zagut traz à público versa sobre o *tempo* como seu eixo central. Sob organização de Isabela Simões e Augusto Herkenhoff, da qual, agradeço o convite para escrita desse texto, e tendo como protagonistas os artistas que enfrentaram com obstinação um tema composto de múltiplas perspectivas, começaremos a refletir/sentir um pouco dessa enorme problemática e complexidade que é tentar falar do tempo.

Um pouco do Tempo

Produzir um objeto de cunho estético sobre o tempo, e isso se inclui as mais plurais linguagens como escrever, desenhar, esculpir, interpretar, dançar e outros é um desafio enorme a ser enfrentado. O tempo é um ser múltiplo e mesmo com todas as abordagens que possamos fazer, sempre deixaremos algo escapar. É um tema que envolve o compartilhamento e diálogo de questões com outros saberes como a filosofia e a física que podem complementar nossas investigações, mas que como uma espécie de paradoxo indissolúvel, não haveria tempo suficiente para se falar do próprio tempo.

Dito isto, o que nos cabe como apreciadores e produtores artísticos, talvez seja de esboçar algumas possíveis e frágeis respostas ou hipóteses sobre o que seja a natureza do tempo e seus impactos no ser humano. E isto significa posicionar o campo de atuação das artes como criador de sentidos e de tentativas de compreensão, salientando seus limites na incapacidade de postular uma explicação satisfatória universal do que seja o termo tempo.

Se pensarmos na antiguidade grega que é considerada hoje como um dos pontos cruciais na composição do ocidente moderno, a sua mitologia serviu como criação de sentidos e explicações perante questões que não eram totalmente compreendidas. No caso do tempo, a figura da divindade de Cronos foi uma das primeiras a compor o panteão dos deuses. Em sua trajetória Cronos foi o principal líder dos Titãs, e que mais tarde seria destronado por Zeus que cumpriu uma profecia que estabelecia que o deus seria morto por um de seus filhos. Até mesmo o Deus do tempo estava sujeito as artimanhas de previsão do tempo via profecias. A tragicidade era capaz de atingir a todos.

Cronos se tornaria uma metáfora do tempo, sobretudo, do tempo capaz de ser contido em instrumentos como calendários ou relógios. Ao devorar seus filhos, como podemos observar na famosa pintura “Saturno devora seus filhos” do artista espanhol Goya, duas outras camadas ficam estabelecidas na caracterização criada em cima do tempo dito cronológico: primeiro seu caráter expansivo, ou seja, não necessariamente sendo linear, basta lembrarmos que a Grécia antiga possuía uma visão de tempo circular que apresenta uma progressividade independente de uma direção, podendo retornar ao seu ponto de partida, e outro, ocorreu os primeiros estabelecimentos de uma constelação de referenciais indiretos ao tempo na linguagem como podemos observar na organização de deuses em famílias, ou melhor, em gerações. O tempo começava a ser compartimentado em partes e em parte colonizado aos desígnios humanos.

A hereditariedade presente nas divindades gregas já implicava uma negociação com o tempo. São gerações singulares que possuem existência temporal ímpar, e que dialogam com suas ascendências e descendências. Trata-se de uma fórmula, ainda que rústica, de lidar com o domínio do tempo e lhe impor uma camada de sentido. O tempo que na personificação de Cronos e nas suas ações de matar seus filhos pode ser lido como um elemento finito, da qual, ao seu término se extinguirá sua vida, poderia ser vencido por outras artimanhas deixando outros campos de existência no mundo capazes de vencer o papel da finitude.

É isto que provamos ao ver a contraposição da palavra que se refere a verdade em grego “aletheia” em contraposição a “esquecimento” e não a “mentira” no contexto da antiguidade. Isso se explica pela necessidade de pensar a verdade como algo digno de ser lembrado, em contraponto ao esquecimento. Para um melhor entendimento é preciso analisarmos que na cultura grega praticamente todos os mortos se dirigiam ao reino de Hades e ficar vivo na memória dos remanescentes seria uma forma ludibriar o tempo. Por isto, os grandes feitos heroicos, narrados principalmente por Homero, mas também presentes em outros autores, e na cultura oral serviam como uma espécie de bússola moral virtuosa. Se considerarmos que até hoje esse universo mítico é

uma referência que podemos caracterizar como um sistema cultural vitorioso em suas proposições.

Cabe salientarmos que Cronos foi somente uma das tantas dimensões do tempo presente na cultura grega e que existe outra possibilidade de refletirmos abordando o epíteto Aion. Na visão do filósofo francês Gilles Deleuze em seu livro *Lógica do sentido* baseado na tradição estoica do pensamento da antiguidade, haveria dois regimes temporais principais, um remetido a cronos que seria a temporalidade dos corpos, do tempo inexorável que age no mundo e capaz de ser representado em calendários ou sistemas de medição, e outro presente em Aion e incorporal capaz de misturar passado, presente e futuro.

Partindo dessa disjunção proposta pelo filósofo e pensando em Aion, um tempo com capacidade de enunciação de sentido variável, ou seja, um tempo que abarca a dimensão da subjetividade e simultaneamente da percepção que podemos pensar na proposição de acontecimentos e relacionar com a ideia tão explorada de experiência estética que encontramos abundantemente na arte contemporânea.

Antes disso, cabe menção de como o tempo passou a ser organizado em uma linha temporal no ocidente. A antiguidade já possuía um sistema de marcação em meses e anos próprio, mas que com o advento e expansão do cristianismo que trouxe uma gestão temporal em linha foi transformado em sua forma de lidar com os desdobramentos temporais em linha do passado para o futuro. Isso se explica devido a tradição religiosa de origem judaico/cristã ser estruturada em uma metafísica que destaca em uma ponta da linha temporal gênesis, ou o início do mundo, e em outro o apocalipse, ou o fim dos tempos com o julgamento final da humanidade.

Essa sistematização linear seria secularizada e incorporada no pensamento de alguns filósofos e gestaria o que ficaria conhecido como “filosofia da história” ou “história teleológica”. Isso significou a retirada do lado religioso do tempo, e a implementação de configurações lógicas que seriam capazes de dar previsibilidade ao andamento da história. Podemos dizer que a ciência que servia para estudar o tempo, ou seja, a história, não lidava mais com o passado, mas sim, com os possíveis futuros advir. Esse mecanismo de enunciar o tempo para se atingir um destino foi a base do pensamento iluminista como dos contratualistas, ou de pensadores alemães como Karl Marx e Hegel. Cada um desses, geriu uma história que caminhava com um motor próprio e para um determinado objetivo.

Nos dias atuais existem diversas maneiras de se relacionar com o tempo. Cronos e Aion para pensarmos a separação proposta por Deleuze se ramificaram e abriram novas possibilidades e entendimento e aplicabilidade. No campo das artes dos anos cinquenta aos dias atuais, tem sido proposto cada vez mais obras que exploram a dimensão de se “fabricar o tempo” ou de atuar justamente na criação de uma experiência estética capaz de produzir uma percepção temporal singular no espectador.

Isso se instaura na ideia de “acontecimento” tão explorada e estudada por inúmeros filósofos. O tempo passa a ser formado por descontínuos de acidentes,

em que a margem de controle é frágil e está pode ser sobreposta sob um infinito de possibilidades de incidentes que simplesmente ocorrem ou acontecem. Podemos calcular os passos minuciosos de um projeto, mas por mais que sejamos detalhistas existe sempre uma margem em que o acaso predomina e que pode transbordar para algo inédito e único. Ao artista cabe o papel de como construir ou provocar acontecimentos.

Ao artista contemporâneo coube explorar o tempo como lhe conviesse, podendo até mesmo inventá-lo e dissecá-lo de várias formas. O artista plástico brasileiro Cildo Meirelles criou em 1992 uma obra intitulada “relógio” que consiste em um relógio analógico de ponteiros de sineta semelhante ao que encontramos em paredes de lares domésticos, porém, com uma peculiaridade: às horas estão organizadas seguindo um critério pessoal do artista. A ordem das horas que deveria seguir uma escala numérica crescente indo do numeral um até o doze, está totalmente subvertida.

O número nove está próximo de onde tradicionalmente visualizamos o três, e os outros algarismos são colocados ao desejo do artista em locais incomuns. Um outro detalhe que chama atenção é a presença dos traços diferenciados que reconhecemos ser o símbolo dos minutos e que são reagendados em tamanho e em existência e posicionamento no trabalho. Cildo desconstrói e paródia o principal instrumento de medição do tempo e o subordina aos seus desejos. O tempo universal se submete ao tempo e a importância do caráter subjetivo o que significa uma mudança na valoração empregada ao papel do tempo na vida.

Cildo Meirelles se posiciona na interseção entre cronos e Aion tornando o tempo seu objeto de arte e criação. Outro artista que buscou explorar esse interstício foi Christian Marclay na obra *The Clock*. O trabalho é uma videoinstalação construída principalmente de uma montagem de cenas retiradas do audiovisual, em que cada parte minúscula representa um minuto. A obra que remete a uma minuciosa curadoria visual por parte do artista cria uma narrativa sobre o tempo fragmentado e provoca sobre como montamos nossa atuação no tempo e de como ele nos atinge. Ao lado disso, o artista propõe que a videoinstalação seja mostrada ao público em sincronia com o horário real dos relógios do local de exposição, denotando como existe uma mistura e sincronia entre tempos diversos.

Ao contrário da abordagem diacrônica que remete ao contínuo do relógio, o que mais observamos nos campos das artes são abordagens sincrônicas em que existem convergências de tempos distintos atravessados pelos artistas resultando em seus objetos artísticos. Se considerarmos que para alguns autores contemporâneos a chamada pós-modernidade está propriamente em se situar em um tempo que possui um passado que parece justamente não passar, ou mesmo de um presente que engloba seu período anterior e sucessor, a arte contemporânea explora os limites entre esses tempos e parece propor reinvenções e novas narrativas.

Uma das formas de expor essas narrativas que misturam temporalidades é fazer uso do anacronismo. O próprio signo da palavra já revela sua funcionalidade inversa ao diacronismo. O termo que não é usualmente utilizada

no campo da história tradicional que o considera como um erro, é amplamente aceito por autores que operam na história da arte e perceptível facilmente como operador de organização de vários trabalhos artísticos.

No Brasil contemporâneo podemos apontar a presença do anacronismo em artistas de grande reconhecimento cultural como a carioca Adriana Varejão. Em sua abordagem dos anos oitenta e noventa em que estabelecia um profundo diálogo com o barroco e com a história brasileira tradicional, e claro com a história da arte, a artista realiza uma síntese de tempos históricos criando trabalhos narrativos que contam outras perspectivas do passado brasileiro.

Sua principal linguagem foi a pintura e uma utilização da paródia como ferramenta de trabalho. Existe na paródia uma dependência do modelo preexistente e sua manutenção, que mesmo sob alguma intervenção artística é mantido, mas ressignificado, podendo o resultando gerado ao fim ganhar um teor de comicidade. Neste caso, o produto que resta da paródia é algo pertencente ao não lugar temporal, e por isso, irônico. Um fato, ou imagem que foi capturado de uma grande narrativa histórica presa em um tempo por uma narrativa restritiva, ganha autonomia e nova polissemia.

Os significantes que estão presos em alguma significação temporal são libertados para conjunção e trocas temporais. A artista faz uma imagem, justamente de outra imagem, usando a pintura como um elemento desestabilizador e dilacerador do tempo. É como se um grande presente engolisse o passado, remodelando o que havia de hierarquias estabelecidas previamente.

Adriana Varejão incorpora um verdadeiro anacronismo figurativo na tela e absorve não somente elementos visuais do passado, mas também, seus transbordamentos. Um exemplo é se apropriar da desmesura e abundância do barroco que se espalha para além da forma, obrigando a trabalhar, mais com a fluidez, do que com a limitação de fronteiras.

O barroco chegou na América Latina, enquanto o renascimento em seu projeto de criar uma civilização, tendo a razão ao centro, começa a dar seus primeiros sinais de esgotamento na Europa, mas que podemos apontar que simultaneamente isso possibilitou a abertura para o século das luzes no velho continente. Em outras palavras, se na Europa houve uma reforma para o barroco se contrapor, ou seja, se encaixava dentro de um projeto de tempo linear, na América isso não ocorreu deixando um espaço próprio no tempo e na história da arte do Brasil. O resultado foi que o barroco serviria de elemento aglutinador da diversidade cultural dos tempos coloniais, e de possíveis formas de experienciar o tempo.

A sociedade colonial, profundamente heterogênea culturalmente, encontrou no período pós-conquista condições de recuperar-se da violência que caracterizou os primeiros anos desta empresa. Sobreviventes ao confronto, indígenas e europeus reconciliaram-se à medida que ambos aprenderam a manipular formas de representação capazes de transformar o conflito em convivência, nem que seja em moldes frágeis com o risco constante de colapsar e de entrar em conflito. A fragmentação e à dispersão dos acervos culturais

indígenas encontraram no barroco espaço para manifestar-se. Assim, o barroco constituiu-se em paradigma da cultura latino-americana. A cultura indígena, fragmentada, apropriou-se do movimento típico da estética barroca, cristalizando-o. Era criada um movimento de arte e cultura que soube incorporar e misturar tempos de origens variadas e que influencia o Brasil até hoje.

Conclusão

Podemos concluir que a arte contemporânea é fruto de camadas temporais que são agrupamentos descontínuos em sua construção temporal e sem um fim pré-definido, dos quais, mediante a possibilidade de diálogo entre si, podem resultar em novas obras de arte ou em uma linguagem estética que envolvam nossos diálogos com o tempo. Uma impressão que fica dessa forma de organização é que cada obra possui uma conversa com outras em sua criação, como se algo feito em determinado momento pudesse ter inspiração em um trabalho produzido há apenas algumas semanas, ou seja, como se o artista contemporâneo além de fazer uma antropofagia de infinitas fontes de inspirações, realizasse também uma de si próprio.

É assim que devemos dialogar com essa exposição como uma troca de temporalidades. Em algum momento os artistas gestaram objetos/sujeitos que se manifestam no mundo, possuem uma data de nascimento ou existência, e que é o resultado de trocas entre tempos do passado, mas que ao entrar em contato com novos espectadores serão preenchidos de futuro.

Bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo. Imagem e persuasão: ensaio sobre o barroco. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BERGER, John. Modos de ver. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CONTRIN, Cecilia, FERREIRA, Escritos de artista – anos 60/70: Rio de Janeiro, Zahar: 2009. DELEUZE, Gilles. Logica do sentido. São Paulo: Perspectiva: Ed. Univ. S. Paulo, 1975.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2013

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens / Georges Didi-Huberman ; tradução Vera Casa Nova, Márcia Arbex. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto, 2006.

Adriana Montenegro



O que ela não me disse ainda; vídeo; 5:12'; 2021

Aleteia Daneluz

Janus e o Sobrevivente

Inspiração no trabalho “Sobrevivente, J Bosco Renaud”

Somos nós os sobreviventes? De tudo aquilo que já passou e, será que teremos o porvir?

Em nossa carne trêmula, cansada de toda a mudança, juntamos forças na magia da transformação.

Seguimos com os nossos mitos e com uma das mãos buscamos o solo, tocando com um bastão o pó, de onde todos nós viemos e com a outra mão elevada aos céus buscamos algo imaterial, que podemos dizer D'eus.

Os Romanos acreditavam que o tempo era uma divindade, o chamavam de Janus, o Deus de duas faces, uma face sempre olhando para o que já passou e a outra face olhando para o porvir. O Deus dos finais e dos começos.

Estamos então atravessando um grande portão, nesse solo desértico, antigamente fértil, clamando por renovação.

Ave Janus! Janus que pode nos mostrar a passagem para a superação, a mudança de tamanha monstruosidade que assola essa terra a um recomeço, pois nada será em vão.

Alexandre Palma



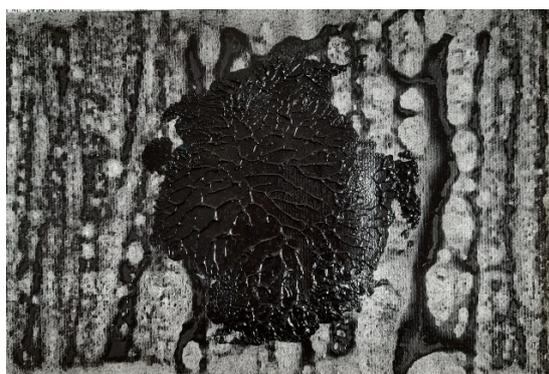
Nossa Revolução na TV; óleo s/ tela; 50 x 50 cm; 2017

Alexandre Sadcovitz



Contra Tempo; videoarte digital; 1920x1080 pixels; 30"; 2021

Ana Angelim



Estações 20: Primavera, Verão, Outono, Inverno (quadríptico); acrílica e giz pastel oleoso s/ Canson 300; 21 x 29 cm cada; 2020/21

Ana Cristina Teixeira



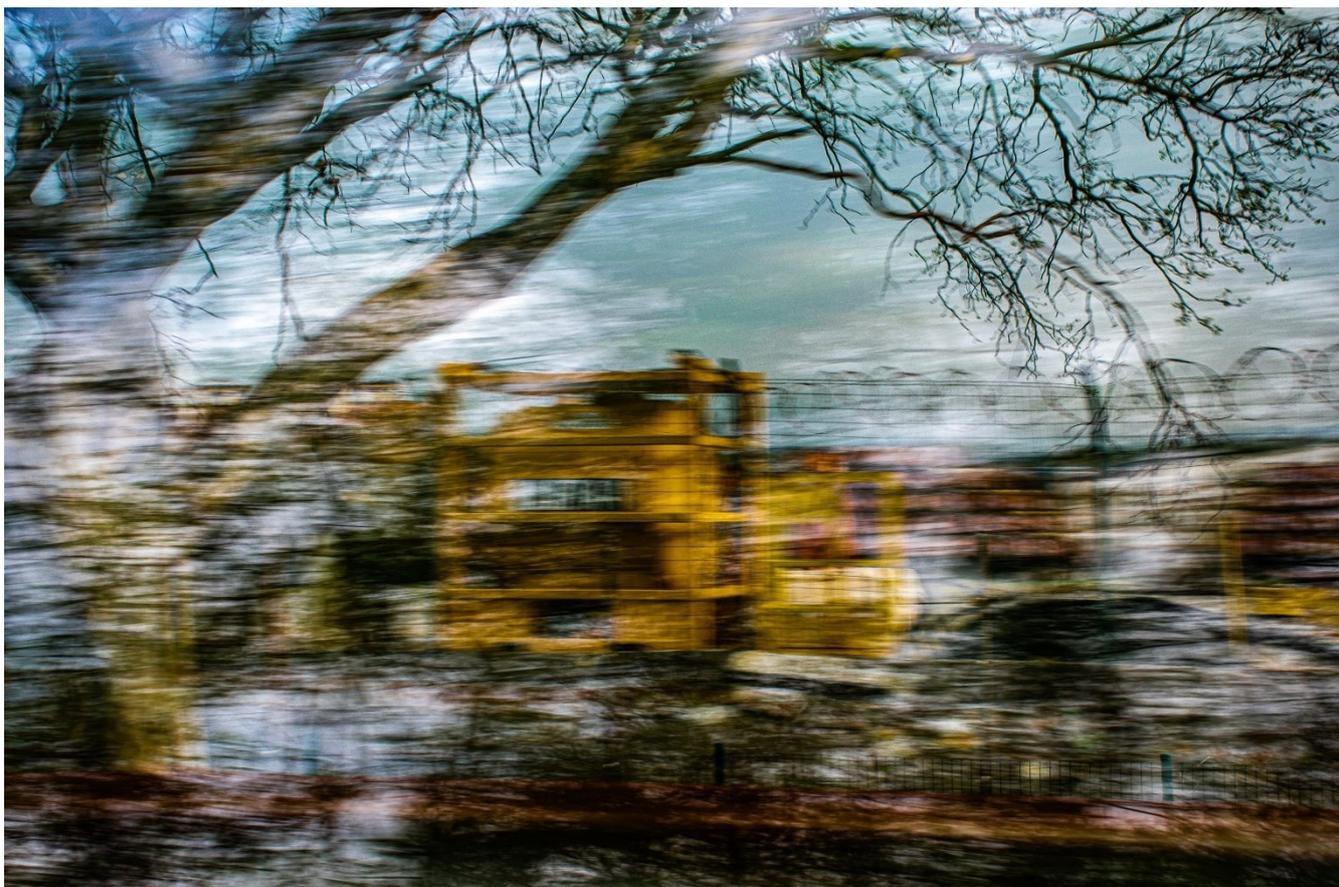
Deusa da Vitória; acrílica s/ papel; 40 x 30 cm; 2021

Ana Luiza Mello



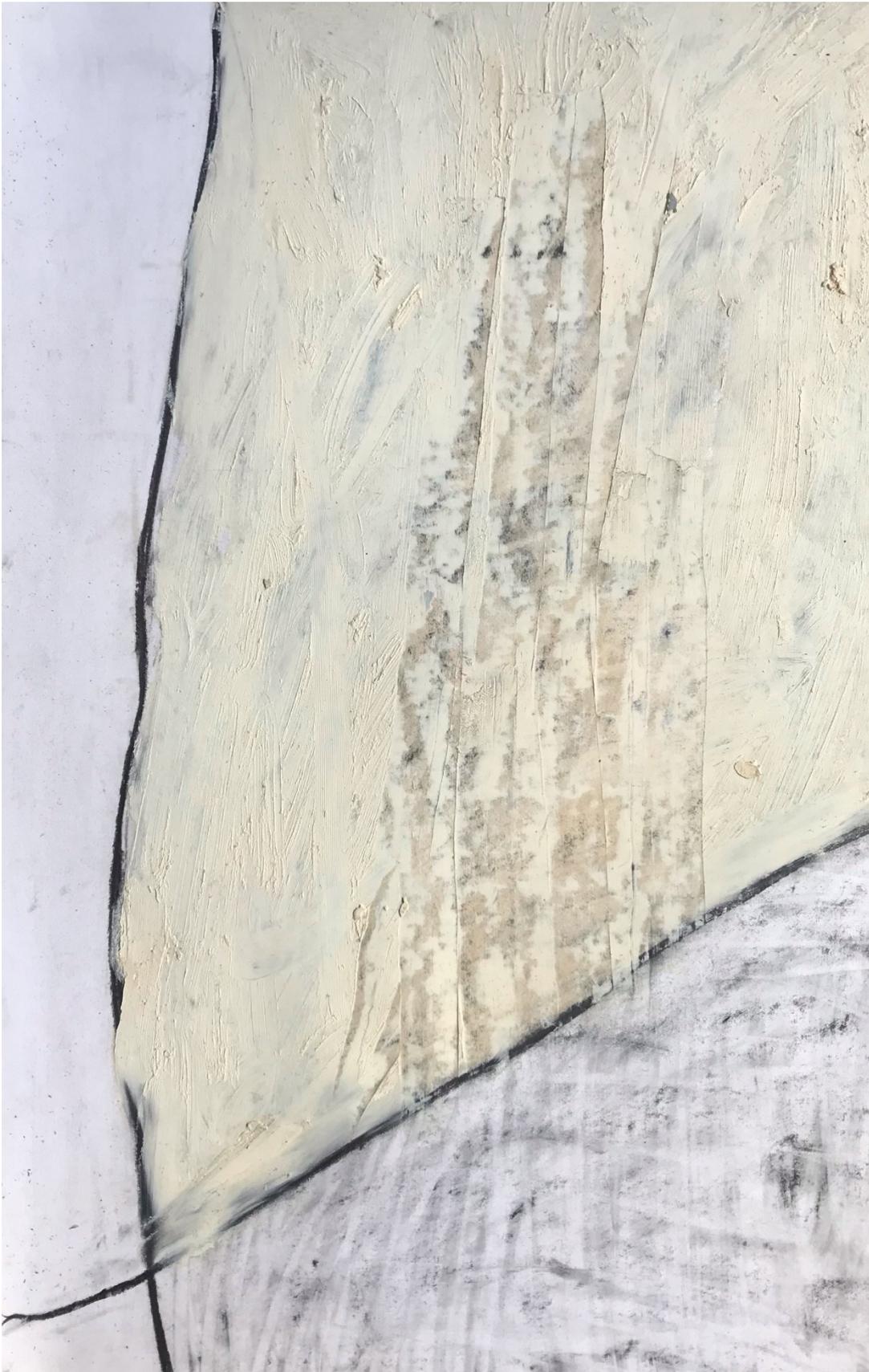
É tempo de ter tempo; colagem e ilustração digital, Impressão fine art; 30 x 42 cm; 2021

Ana Pose



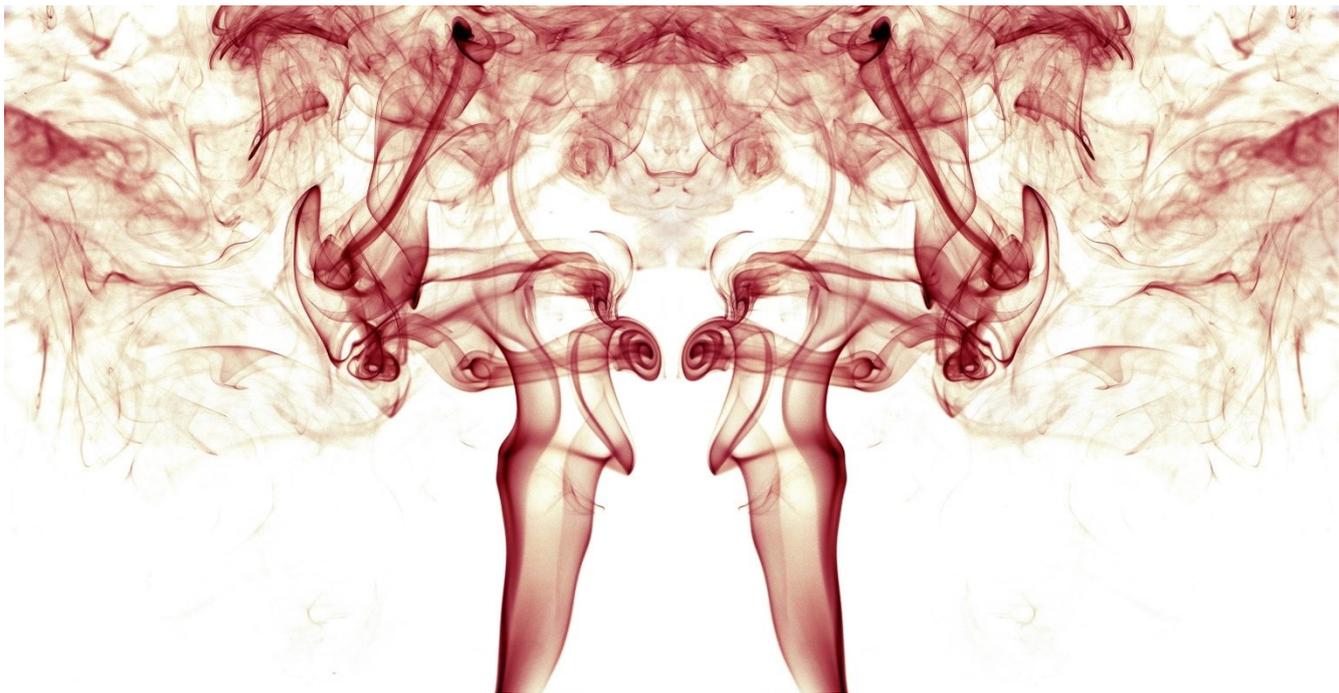
Paisagens que mudam; fotografia, impressão fine art com pigmento mineral s/
papel; 90 x 60 cm; 2021

Ana Schieck



Linha Inorgânica; grafite e pastel oleoso s/ papel; 48 x 31 cm; 2001

Andrea Hilgert



Tempo sutil; fotografia digital impressa em papel Canson; 26 x 50 cm; 2021

Angela Gentile



O fim da noite; acrílica s/tela; 70 x 50 cm; 2020

Anita Fizon



Sem título; fotografia impressa em canvas; 21 x 29 cm; tiragem 4; 2021

Augusto Herkenhoff



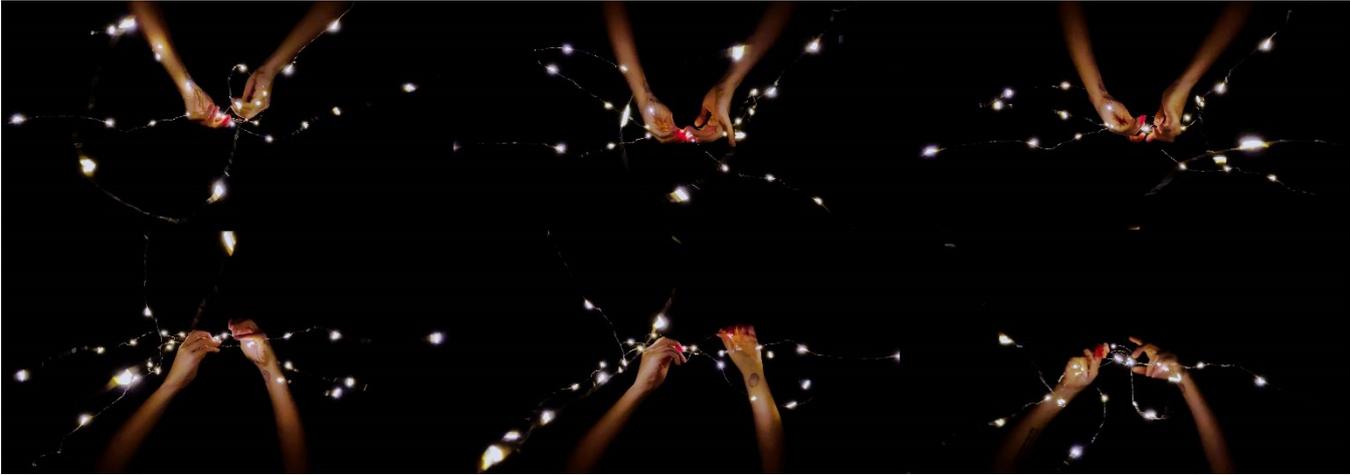
Primavera; acrílica s/ tela; 60 x 43 cm; 2014

Bahie Banchik



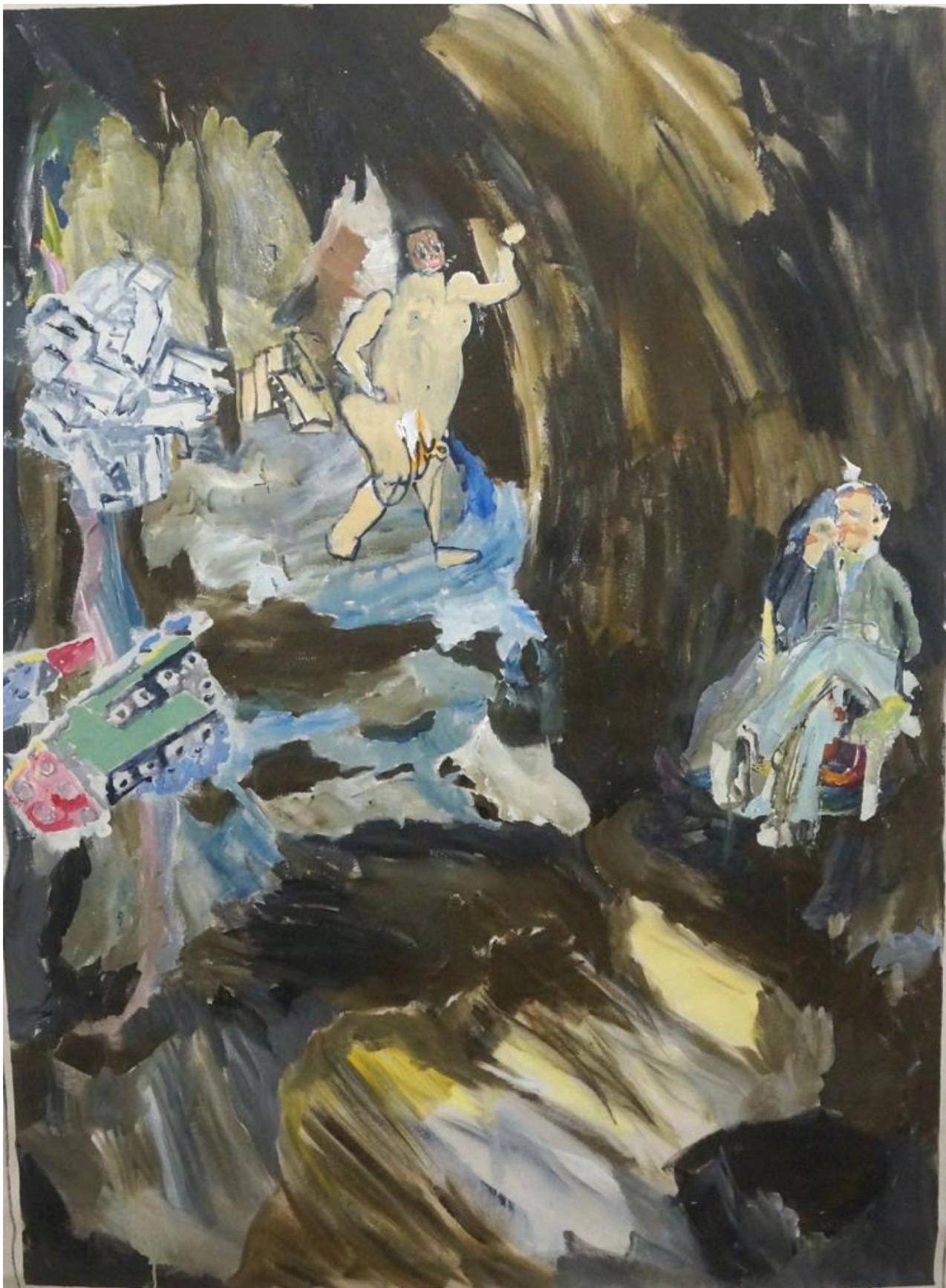
Palimpsesto do tempo (díptico); técnica mista s/ eucatex; 55 x 61 cm e 122 x 27 cm (medida total 122 x 85 cm); 2021

Bel Mota



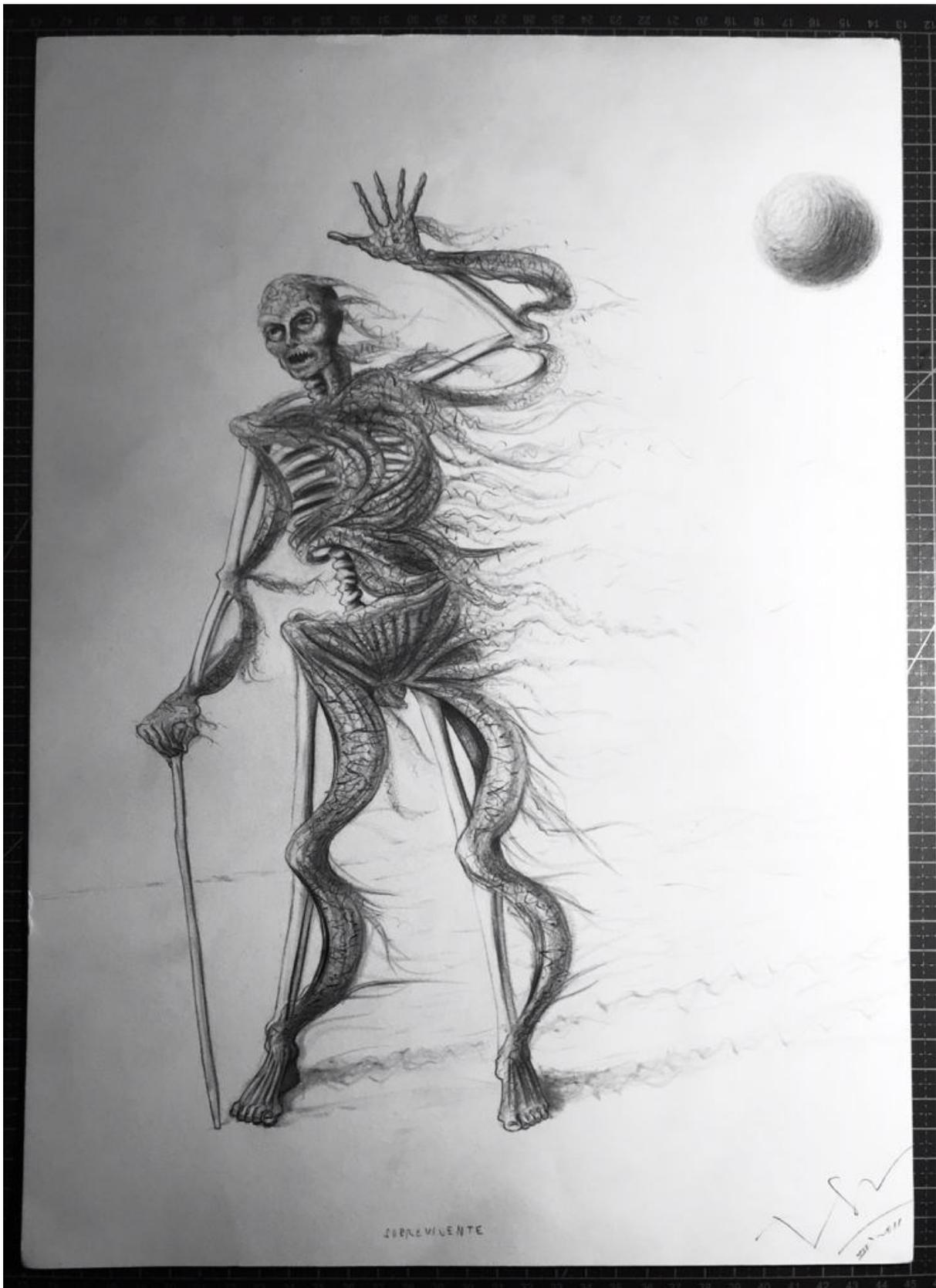
Efeméride (processo); arte digital, impressão em papel algodão fine art; 60 x 21,2 cm; 2021; tiragem 6

Benjamin Rothstein



Um tempo deixado; técnica mista em canvas; 110 x 149 cm; 2021

Bosco Renaud



Sobrevivente; desenho em grafite, papel Renaud 240 g.; 29,7 x 42 cm; 2011

Cacia Chemin



Tempo in Box; técnica mista s/ Canson; 29,7 x 42 cm; 2021

Carmen Bello



Azulando; acrílica s/tela; 20 x 30 cm; 2021

Carmen Givoni



Metamorphose de uma natureza morta; colagem digital sobre acrílico s/ tela, impressão fine art s/ canvas; 40 x 40 cm; 2021

Cecília Rondon



Ilha da Madeira; bordado e pintura s/ linho; 130 x 160 cm; 2020

Celina Noll



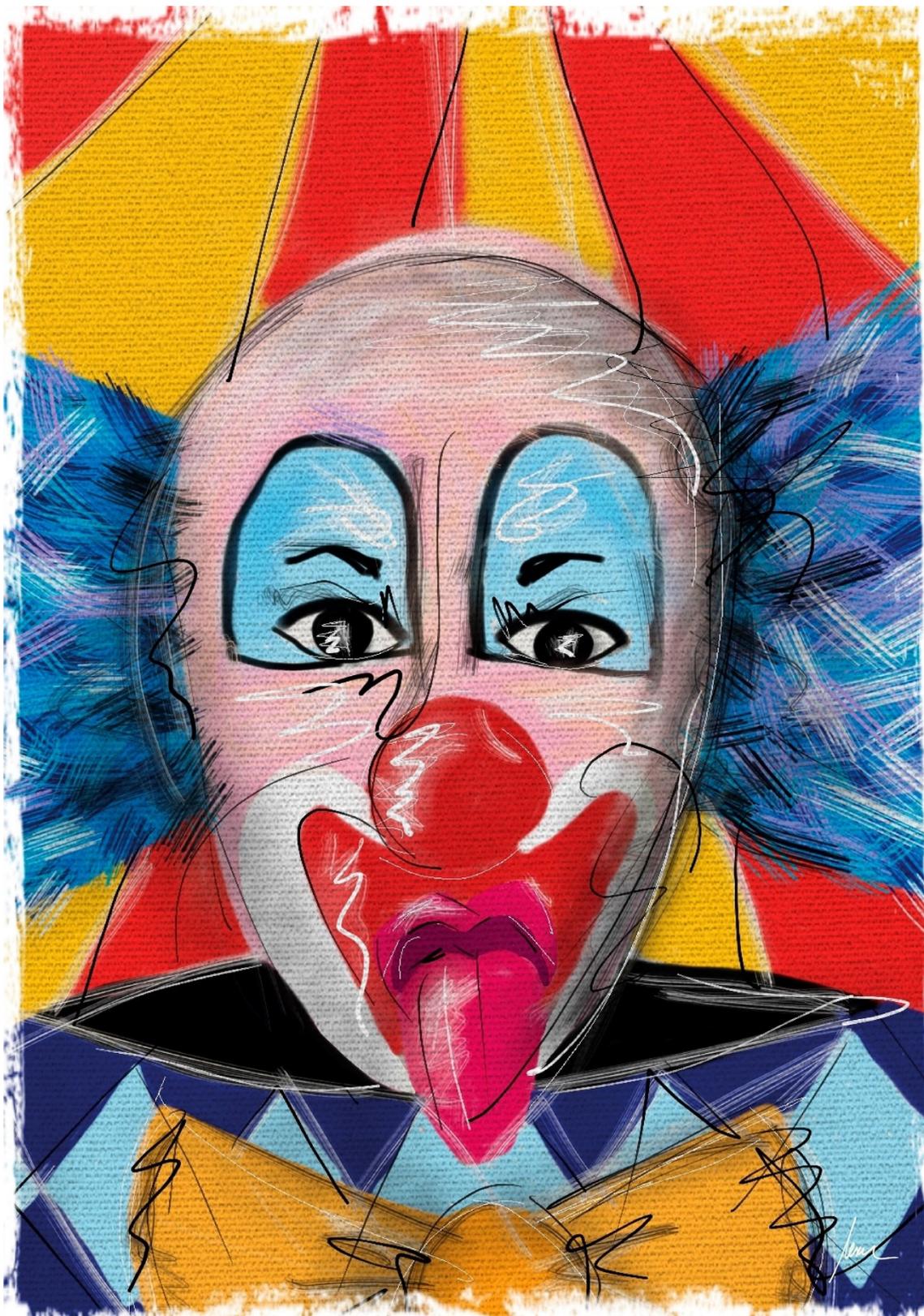
Inefável; fotografia, manipulação digital, impressão fine art em papel texturizado
Canson Arches Aquarelle 310 g.; 70 x 100 cm; 2021

Celso Adolfo



Zinabre, Lacunas e Fraturas; objeto/ gessaria, metal, pedra; 40 x 40 x 30 cm; 2021

Cesar Paes Barreto



Clown 2; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 395 g, com tintas de pigmento mineral; edição única; 42 x 60 cm; 2021

Cirlei Gonçalves



Reage Brasil; técnica mista, colagem e acrílica s/ papel cartão; 33 x 48 cm; 2019; e reprodução em canvas; tiragem 10; 66 x 96 cm

Clara Cavendish



Banhistas sem água; óleo e acrílica s/ tela; 280 x 180 cm; 2021

Claudia Tebyriçá



Num tempo qualquer; monotipia em tecido com reprodução em pesponto; 28,5 x 18 cm; 2020

Cláudia Tolentino



Tétis; talho doce (gravura em metal), impressão em Papel Schoeller Hammer 3R (200g/M2); imagem 6,5 x 9 cm; papel 16 x 22 cm; tiragem 10; 1997

Claudia Watkins



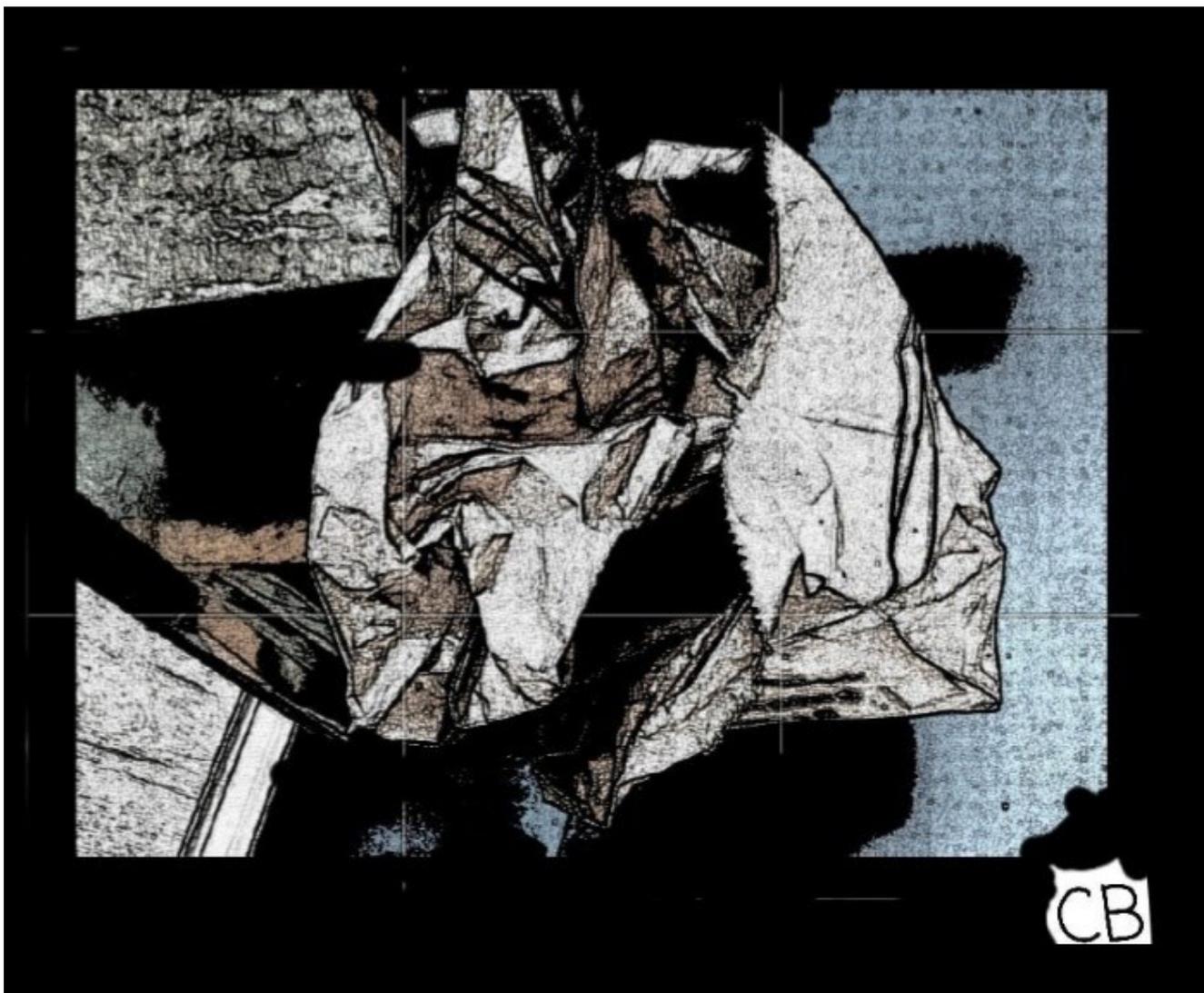
O tempo voa; fotografia, impressão fine art; tiragem única; 21 x 29 cm; 2021

Conceição Durães



Presença Ausente e Ausência Presente, série Documentos de memória;
técnica mista, acrílica frente e verso, impressão s/ lona; 100 x 150 cm; 2019

Cunca Bocayuva



Transições; escultura digital; 50 x 60 (aproximadamente); tiragem 3; 2021

Débora Carneiro da Cunha



Autorretrato; acrílica s/ tela; 41 x 33 cm (cada); 2012-2021

Já fui negra,
e amarela como o açafrão.
Branca? Branca? Não.
Só se for misturada
com outras tantas.
Verde e azul,
eu já fui também

Na tela,
esse campo retângulo
que guarda em si
a pele de tantos embates,
no corpo de
de tantas tintas.

É parte do meu retrato o que vejo
e o tempo, íntimo,
absolutamente particular,
Me revela em sussurro,
sua completa
ausência de métrica.

Dora Portugal



Quarentempo; aquarela e acrílica s/ papel Montval 300 mg.; 40 x 30 cm; 2021

Fernando Brum



Cometa; óleo s/ tela; 30 x 30 cm; 2021

Francinete Alberton



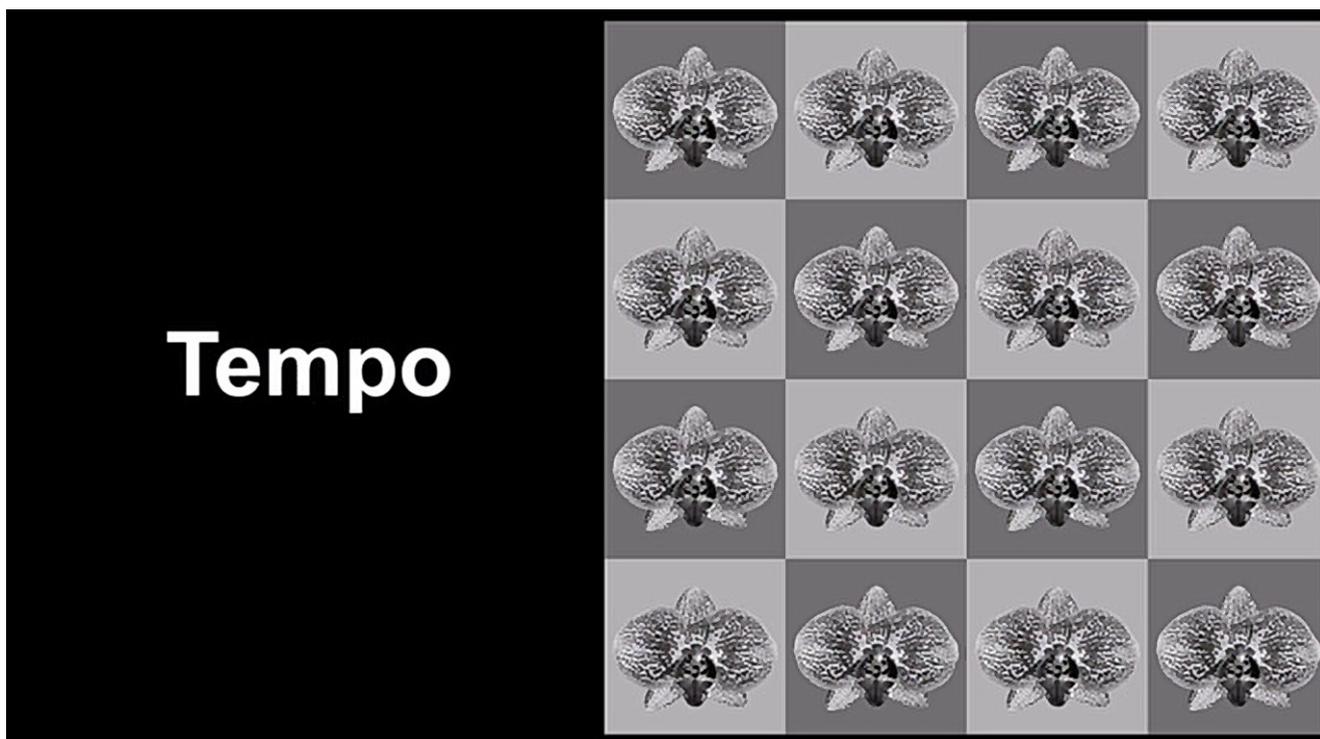
Sem Título, da série O real e o seu duplo; intervenção com velatura a óleo s/
fotografia impressa em tela de algodão; 87 x 121 cm; 2013

Galvão Jr.



Sem título; técnica mista s/ tecido; 300 x 300 cm; 2021

Giselle Vieira



Tempo; vídeo; 51"; cópia única; 2021

Gloria Conforto



Sem título; aquarela em papel Arche; 31 x 41 cm; 2020

Graça Pizá



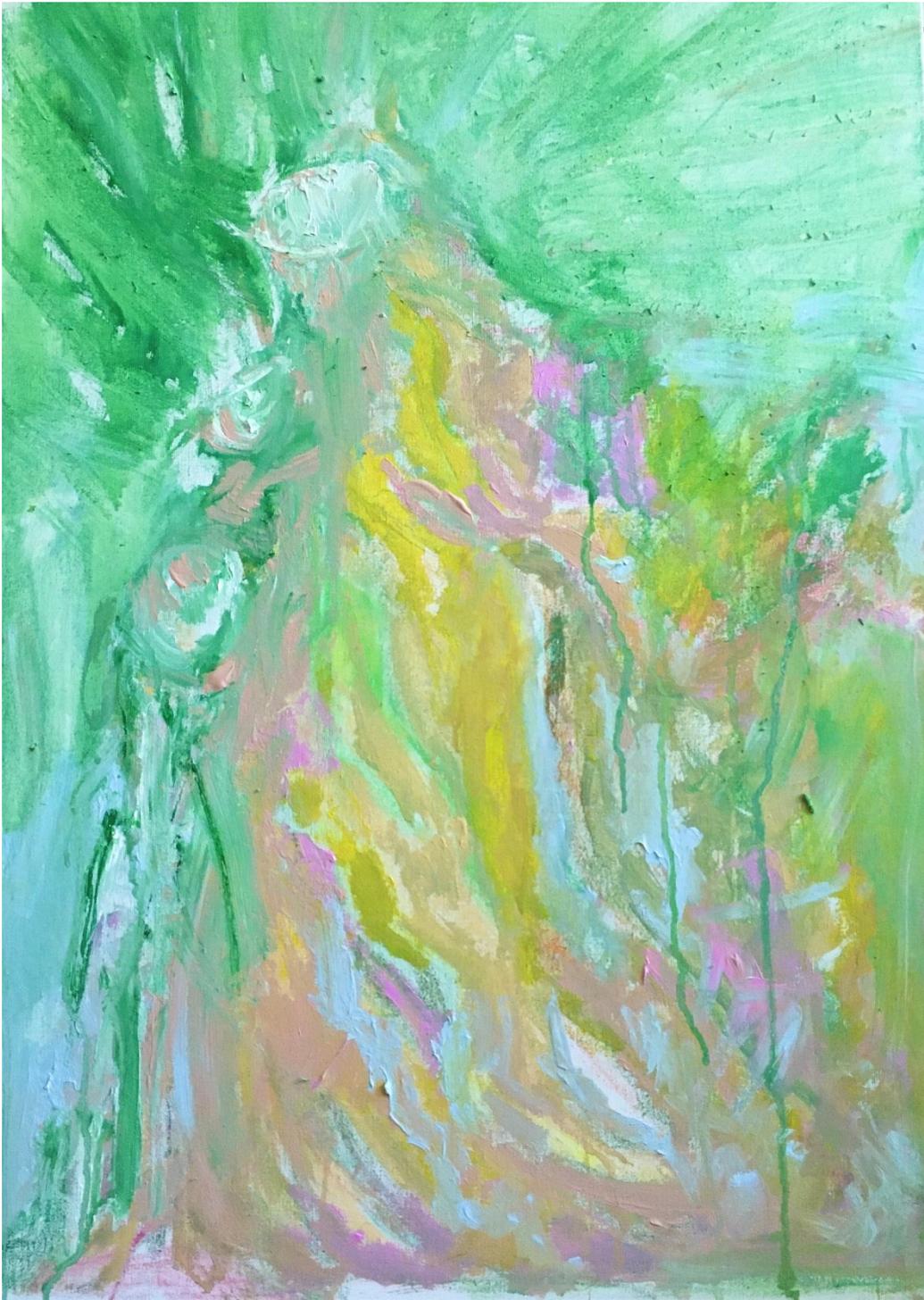
FÓSFOROAMOR; madeira, clay, cimento, acrílica; 50 x 20 x 15 cm; 2021

Guta Moraes



Pipando nº 1 - Viva!; assemblage; 34,5 x 34,5 cm; 2020

Helen Pomposelli



Sem título; acrílica s/ tela; 40 x 60 cm; 2021

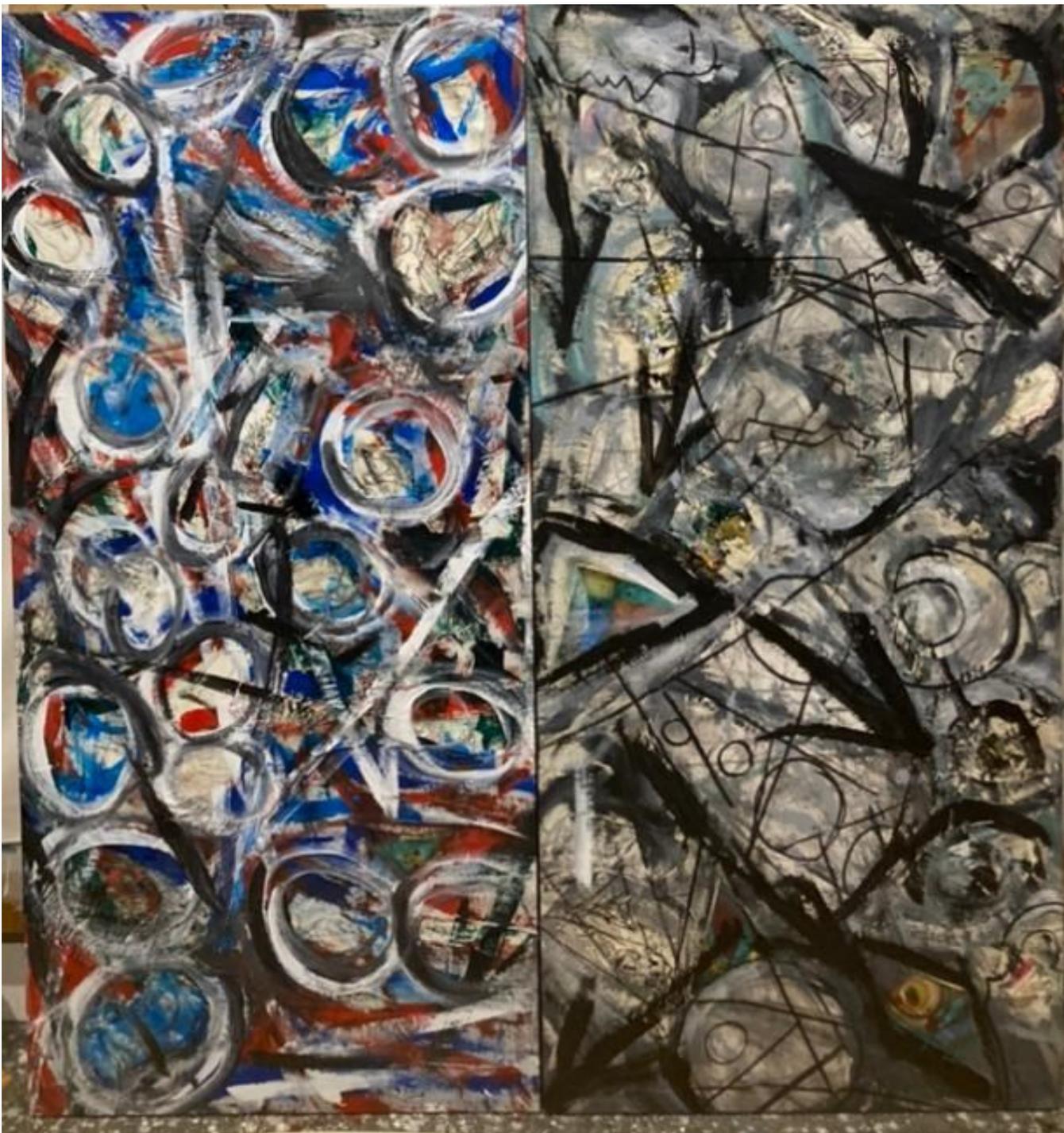
Portal que me transporta ao passado para entender o presente e através de uma tela mental transmuto meu corpo energético em luz. Portal que me transporta ao presente para entender o futuro e através de uma tela mental transmuto meu corpo energético em luz. Aho!

Iraceia de Oliveira



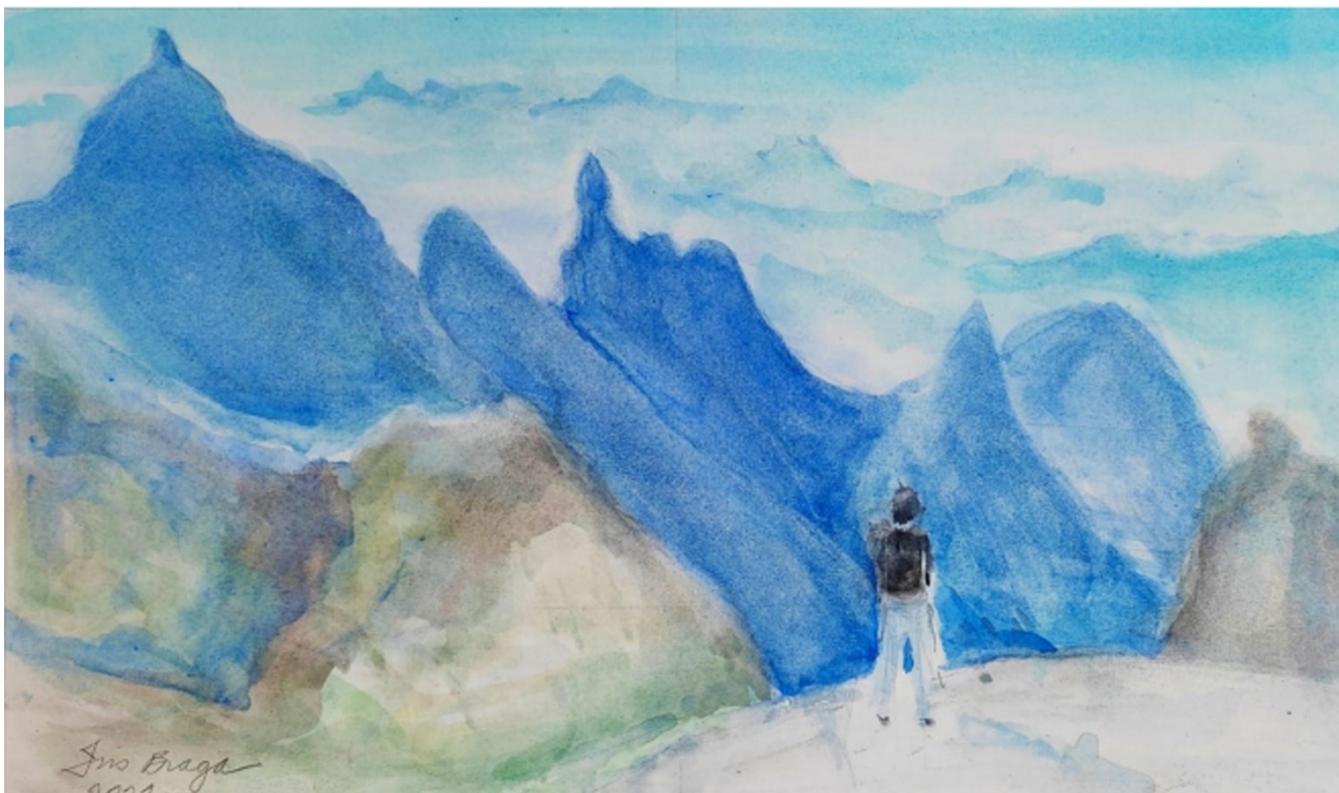
Metamorphose; papelão despelado colado s/ papelão despelado, pintado em acrílica; 102 x 102 cm; 2019

Isabella Marinho



Tempo & Tempo (díptico); acrílica, carvão e colagem s/ tela; 160 x 65 cm (cada); 2018

Isis Braga



Deus é o dono do tempo; aquarela; 18 x 29,5 cm; 2021

Jorge Barata



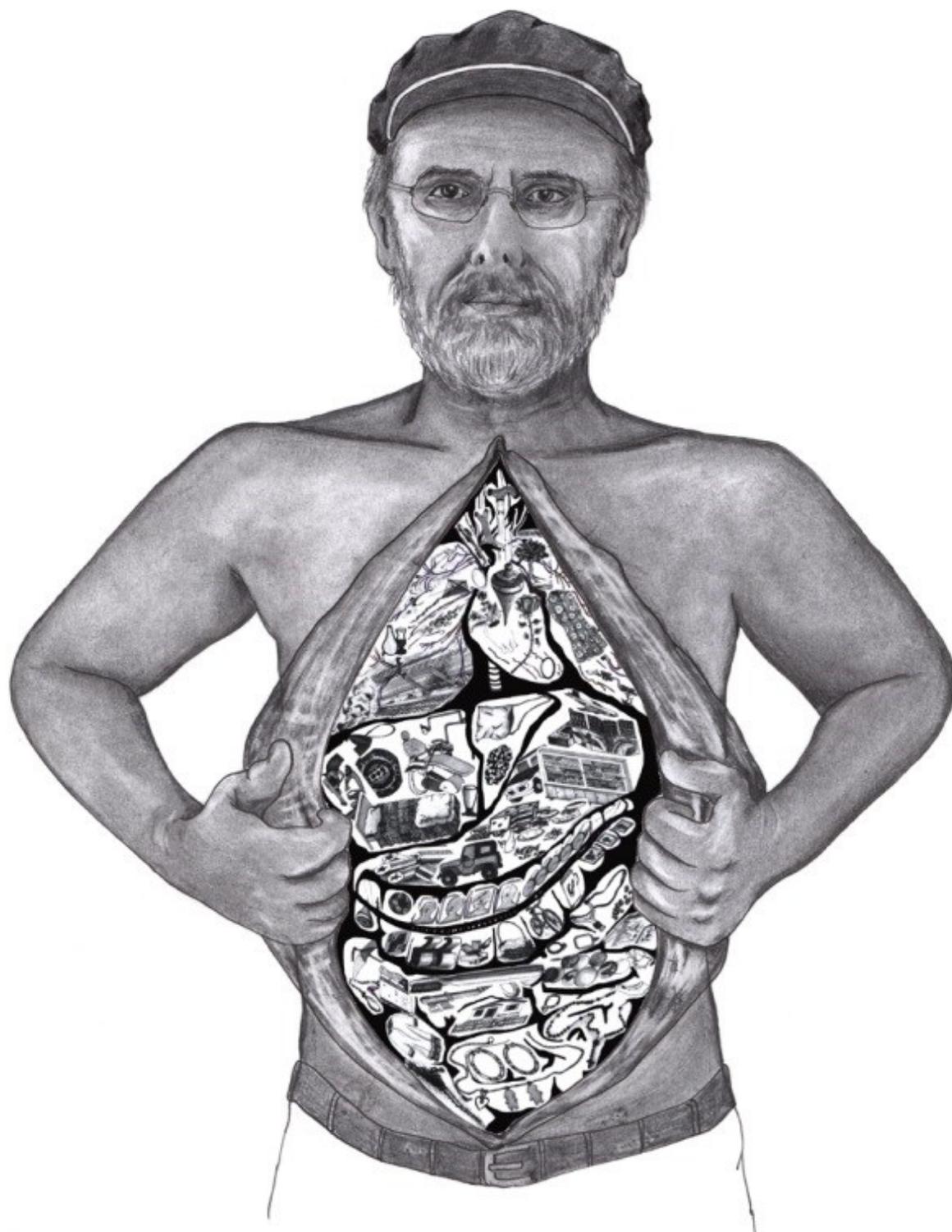
Marionetes; acrílica s/ tela; 160 x 140 cm; 2021

Jorge Cerqueira



Sonho; acrílica s/tela; 181 x 127 cm; 2021

Jose Rocha



Museu dos Objetos Afetivos; lápis HD, nanquim, s/ papel gráfico; 40 x 30 cm; 2020

Katia Politzer



Viver sem tempos mortos; tecidos de voil, tule e algodão, aquarela, bordado; 85 x 65 cm; 2021

Leila Bokel



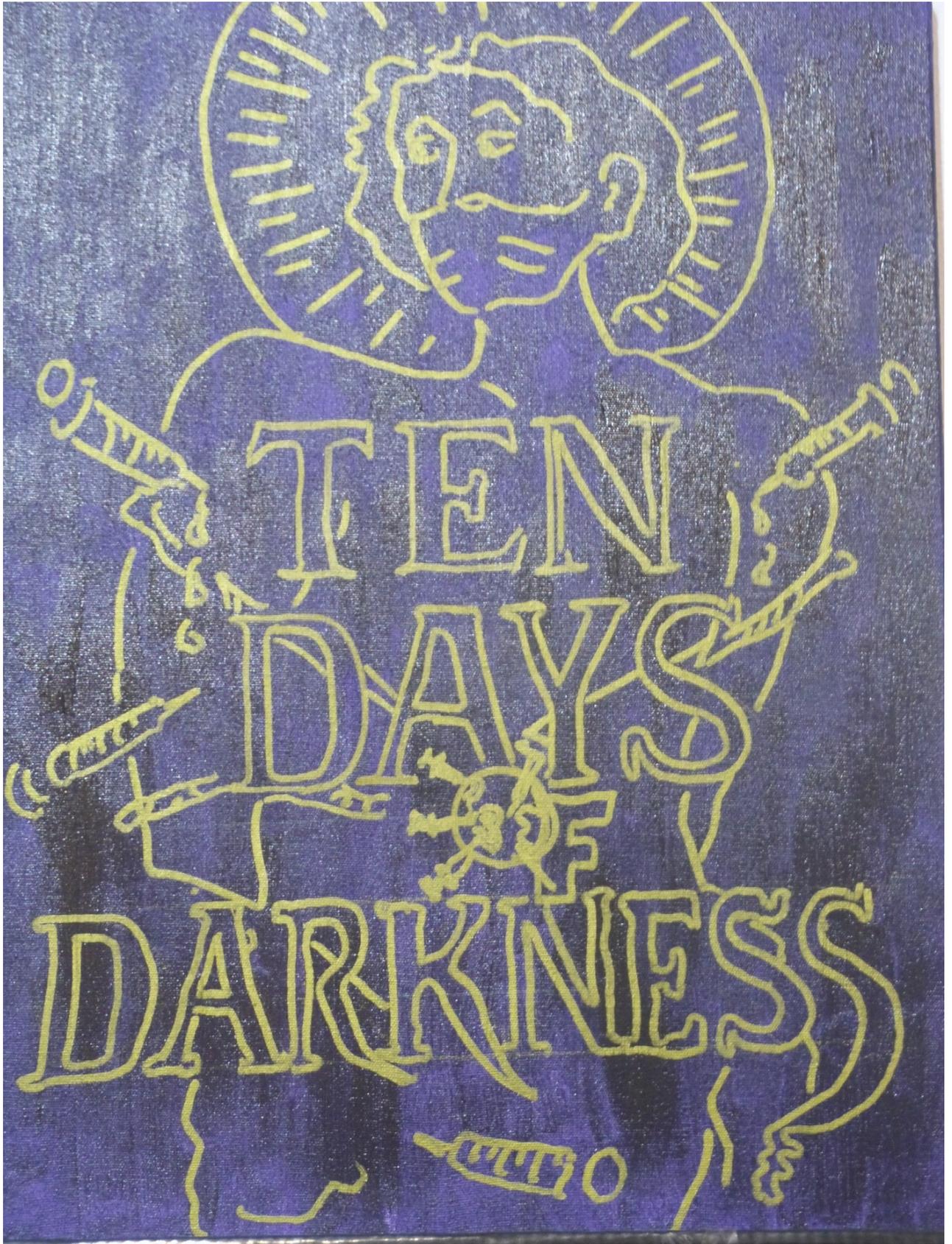
Bolota rosa claro com fio de algodão rosado; tecido, acrílica e fio de algodão; aproximadamente 19 x 15 x 13 cm; 2021

Lenn Cavalcanti



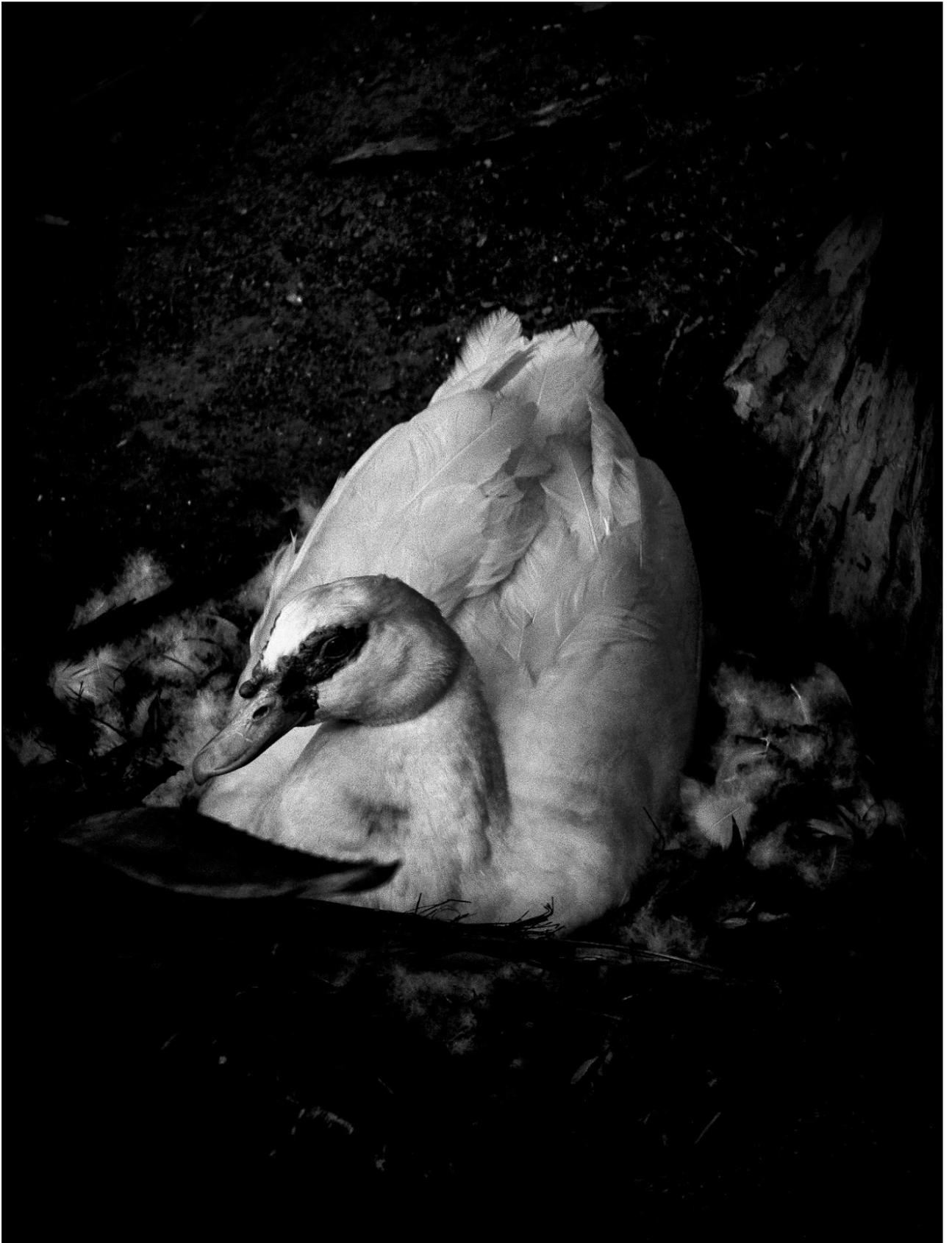
Terra &Terra; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2021

Lennart



Ten days of darkness – São Sebastião do Rio de Janeiro; acrílica e maker s/
tela; 40 x 30 cm; 2021

Let Cotrim



Espera; fotografia digital impressão fine art em papel Hahnemühle Baryta 308 g.; 39 x 52 cm; tiragem 10; 2021

Leticia Potengy



O peixe e as águas; técnica mista, aquarela e giz de cera; cada módulo 25,5 cm x 32,5 cm; 2021

Lia do Rio



"... otemponãopassa ..."; land art, impressão fotográfica; 130 x 70 cm, peça única nesse tamanho; 1998

Liana Gonzalez



Brasileiras, série Você pode me ver?; técnica mista com fotografias da artista (Jovem Desana, Alto Rio Negro AM e Menina Guarani, Aracruz ES) s/ papel Canson 300gr; 30 x 42 cm; 2021

Ligia Calheiros



Série Aringa I; técnica mista; 16 x 21 cm; 2021

Lizete Zem



Pas à Pas; óleo s/ lona surrada de caminhão; 110 x 70 cm; 2000

Luah Jassi



Carnaval; acrílica s/tela; 70 x 40 cm

Lucas de Mattos



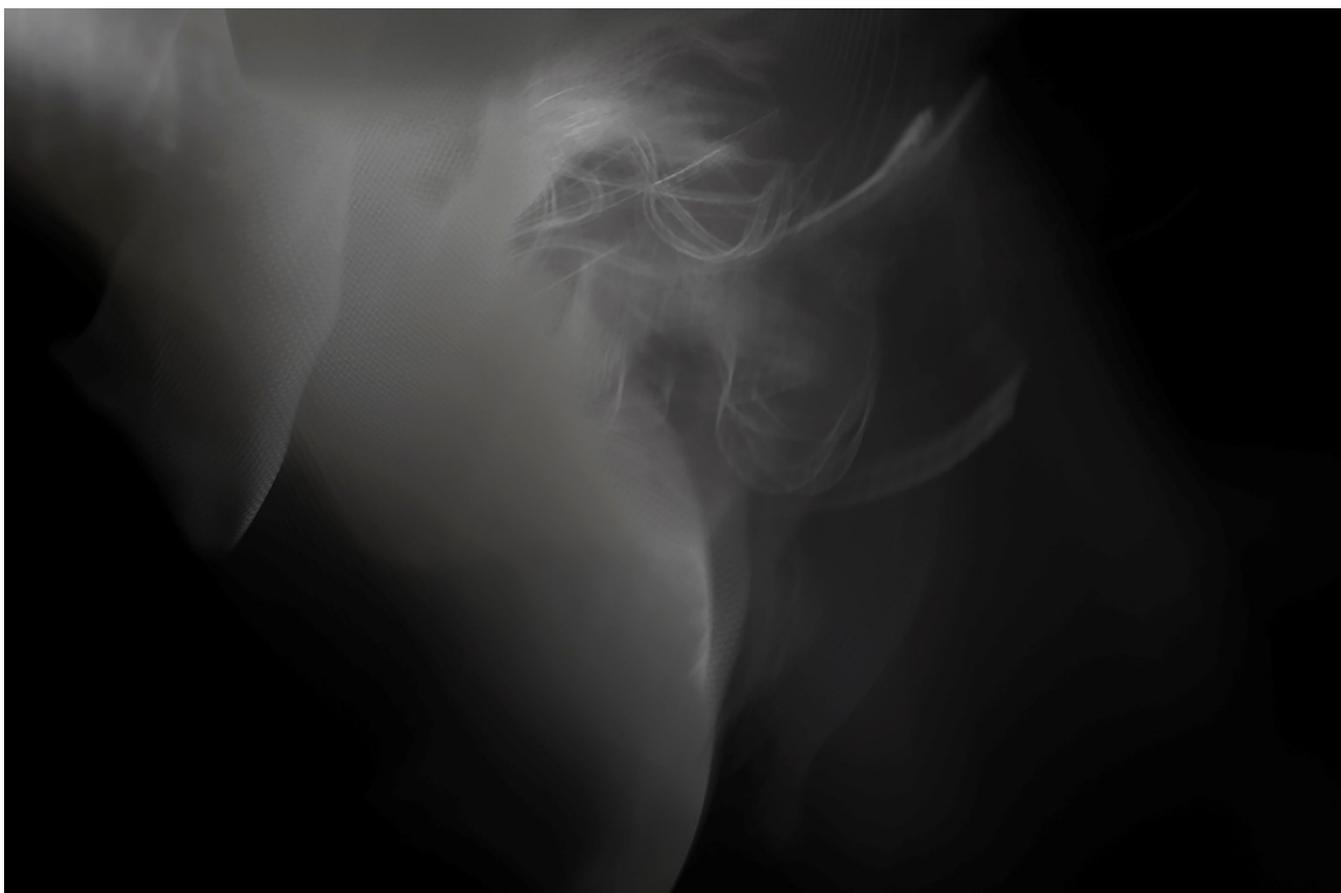
Princípio da Correspondência; acrílica s/tela; 40 x 50 cm; 2021

Lucia Lyra



Abstrato Lyrico 04; monotipia, acrílica s/ papel; 29 x 42 cm; 2018

Luciane Villanova



O Tempo; fotografia digital impressa em papel 100% algodão Hahnemühle
PhotoRag 308gsm; 30 x 45 cm; 2021; tiragem: 1/5

Marcela Ambrois



Ruas; colagem s/ papel; 30 x 21 cm; 2021



Pandemia: reconstrução de muitos de nós; colagem digital, impressão em papel fotográfico; 21 x 29 cm; tiragem 5; 2021

Marcia Cavalcanti



Onde estão as crianças; nanquim e aquarela s/ papel Canson; 42 x 30 cm; 2021

Márcio Atherino



Sem título, série Isolado; acrílica s/ cartão; 21 x 29 cm; 2021

Marco Pomposelli



Sem título; aquarela s/ papel; 29 x 21 cm; 2021

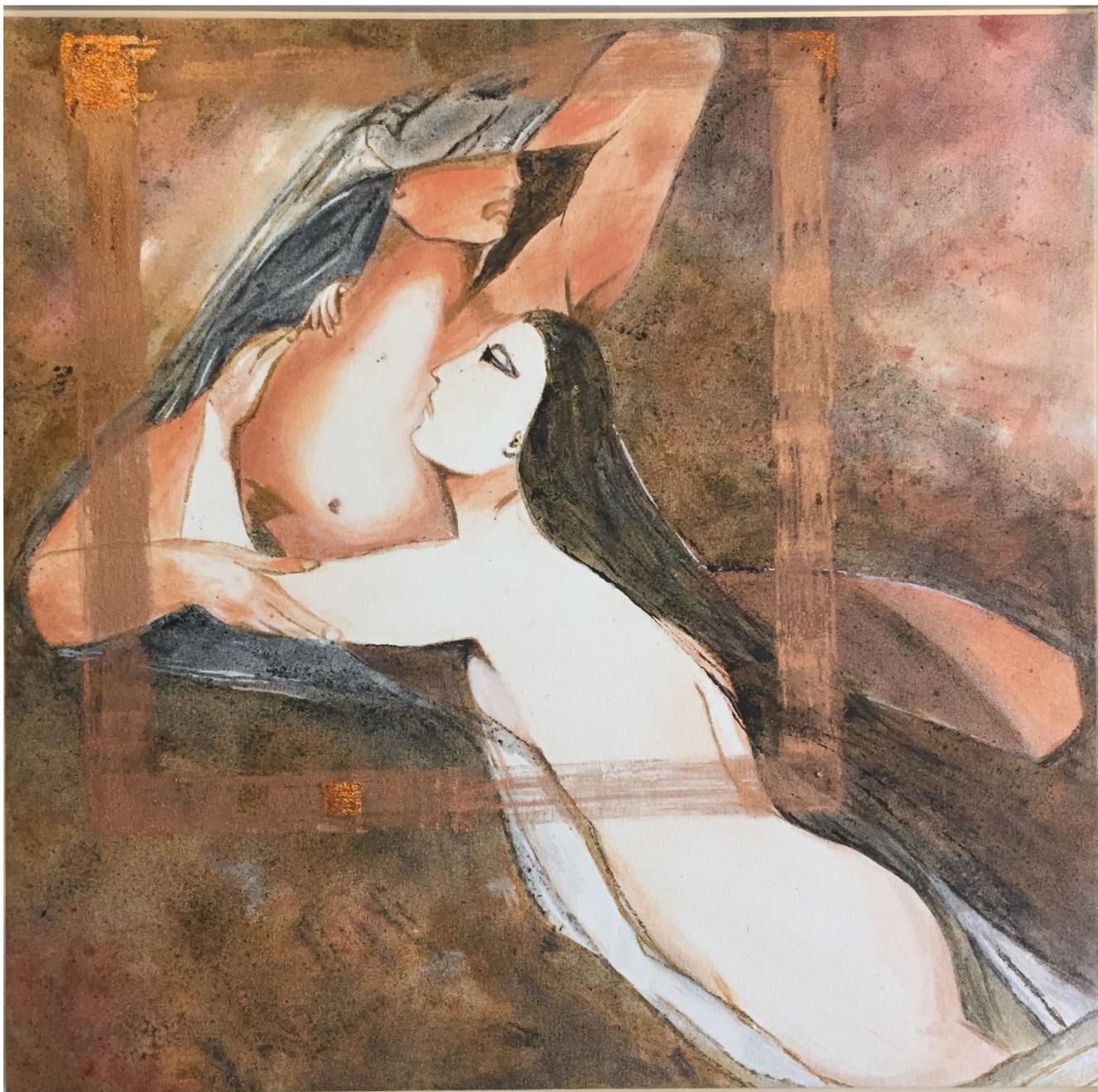
São almas livres desgarradas da roda de Sansara que nunca param. São almas que estão livres das dimensões do tempo e do espaço causadores de todas as dores da humanidade. São almas libertas que conseguiram se libertar e hoje conseguem flamear no cosmos. Elas já não contam o tempo, elas estão em todos os lugares do tempo. São almas do tamanho de um átomo e ao mesmo tempo do tamanho do cosmos. Elas são o mínimo e o máximo. Tamanho para elas não existe mais e nem mais o tempo.

Maria Cecilia Leão



Saudade (autorretrato); fotografia impressa em fine art, Hahnemühle Photo Rag Baryta 310 g.; 40 x 30 cm; tiragem 1/5; 2021

Maria Perdigão



O Amor nos Tempos de Dante; pigmentos naturais e folha de Cobre s/ tela; 70 x 70 cm; 2021

Mariana Campos



Araras Pop Arte; acrílica s/tela; 27 x 42 cm (cada); 2019

MarQo Rocha



De Tempos em Tempos; impressão em tinta fotográfica s/ resina de epóxi; 30 x 23 cm; 2021

Marta Bonimond



Pirotecnia; técnica mista s/ tela; 60 x 80 cm; 2018

Marta Strambi



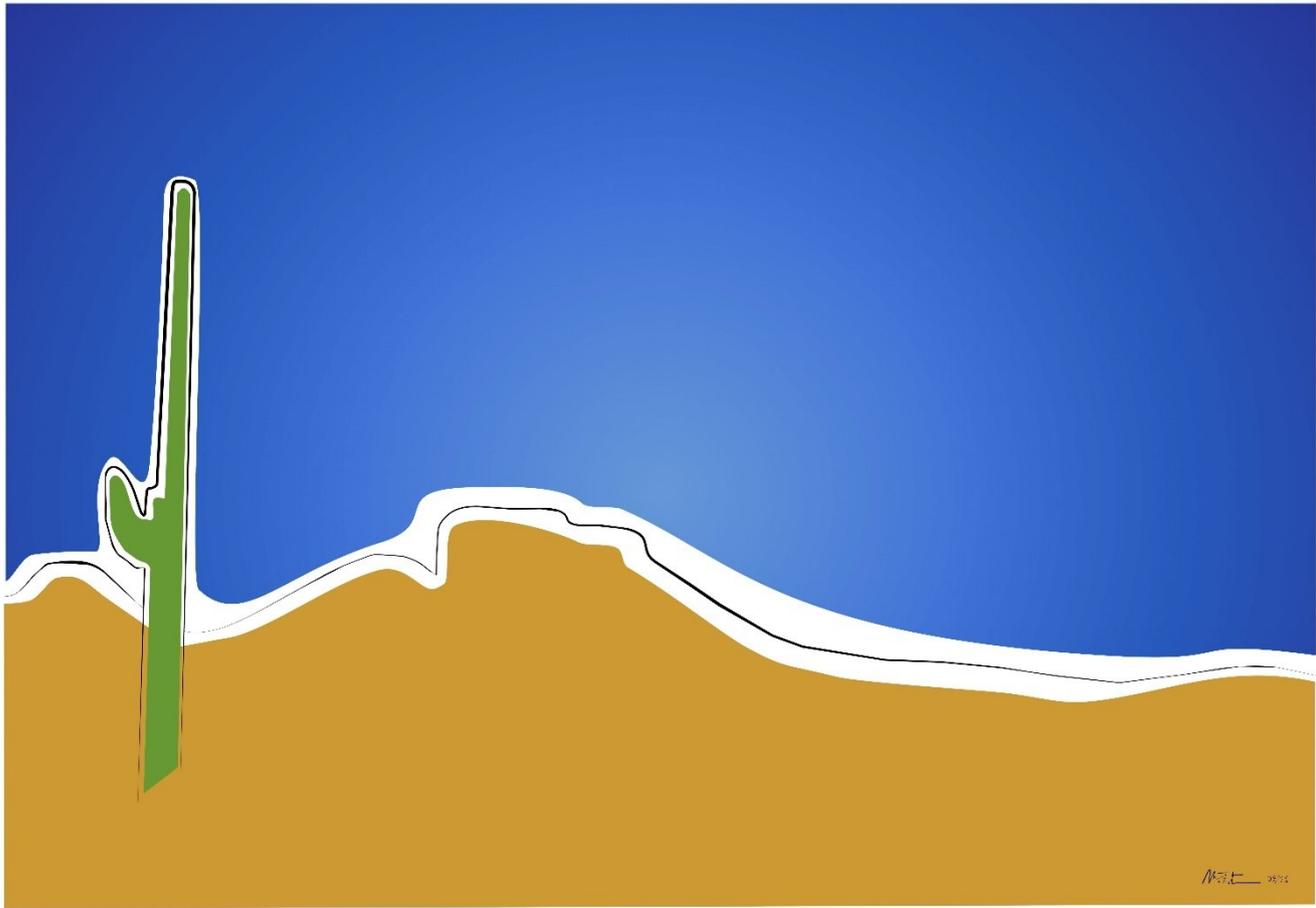
Subjaz ao cru; grés e fita métrica; 6 x 25 x 9 cm; 2020/2021; foto: Mauricius Farina

Mary Di Iorio



Sem título; técnica mista (cerâmica em alta temperatura), diâmetro 36 cm; 2019

Mauricio Tassi



Tempo de deserto; mão livre em computação gráfica; 84 x 118 cm (podendo ser impresso em diversos tamanhos); 2021

Maurício Theo



Ainda em Tempos; foto composição digital; 30 x 60 cm; Tiragem 1/10; 2021

Mauricius Farina



```
xmp:MetadataDate="2018-11-22T09:47:07-02:00"  
Terras de Brumadinho e a palavra escorre  
tiff:Make="NIKON CORPORATION"  
tiff:Model="NIKON D750" tiff:Orientation="1"  
exif:ExifVersion="0221" exif:ExposureTime="1/40"  
exif:ShutterSpeedValue="5321928/1000000"  
exif:FNumber="63/10"  
exif:ApertureValue="5310704/1000000"  
exif:ExposureProgram="3" exif:SensitivityType="2"  
exif:ExposureBiasValue="0/6"  
exif:MaxApertureValue="30/10"  
Em Palhano a tragédia não chegou e nem na  
Moeda  
exif:MeteringMode="5" exif:LightSource="0"  
exif:FocalLength="240/10" exif:SensingMethod="2"  
exif:FileSource="3" exif:SceneType="1"  
O rio Paraopeba está morto, quilômetros abaixo  
exif:FocalLengthIn35mmFilm="24"  
exif:CustomRendered="0" exif:ExposureMode="0"  
exif:WhiteBalance="0" exif:SceneCaptureType="0"  
exif:GainControl="2" exif:Contrast="0"  
exif:Saturation="0" exif:Sharpness="0"  
No século XVIII 800 toneladas de ouro escoaram  
perto daqui  
exif:SubjectDistanceRange="0"  
exif:DigitalZoomRatio="1/1"  
exif:FocalPlaneXResolution="54886891/32768"  
exif:FocalPlaneYResolution="54886891/32768"  
O código da imagem é memória que pode ser lida  
exif:FocalPlaneResolutionUnit="3"  
exif:DateTimeOriginal="2018-11-18T18:27:03.79"  
dc:format="image/x-nikon-nef"  
aux:SerialNumber="3129618"
```

Tierras de brumadio; fotografia, impressão em papel de algodão com pigmentos minerais; 71 x 120 cm; 2021

Matheus Varaschin



rnv 1; fotografia digital, impressão fine art; 40 x 40 cm; 2021; edição única

Max Bôas Ribeiro



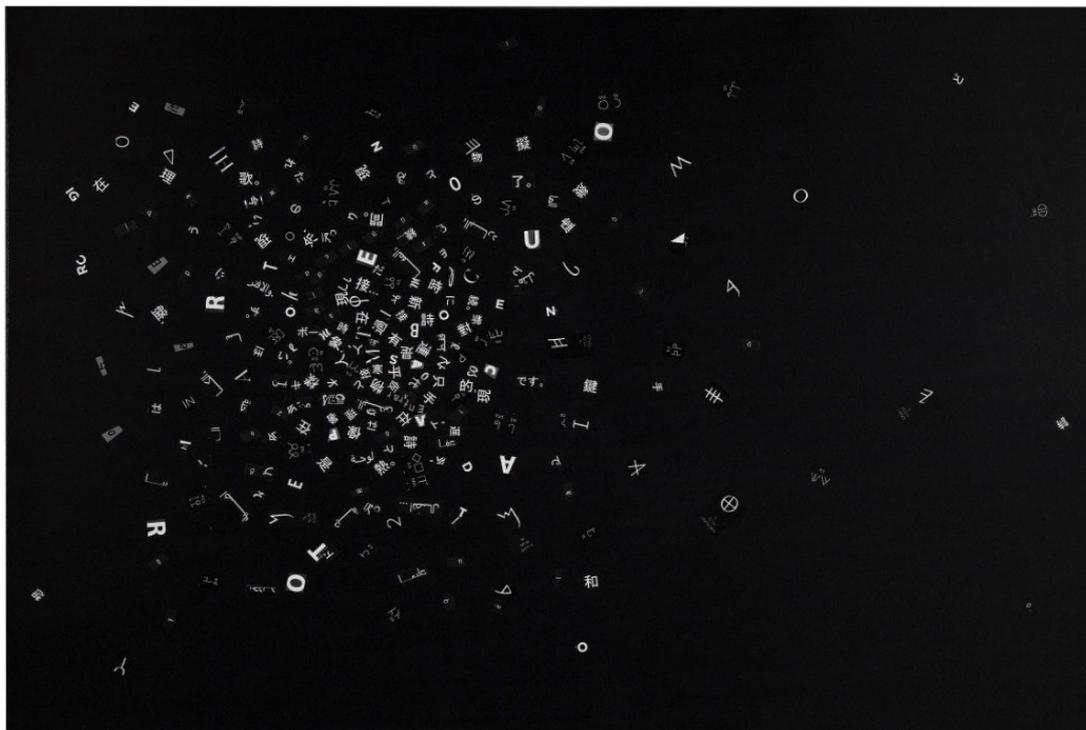
Produção; colagem; 48 x 34 cm; 2021

Miguel Hijjar



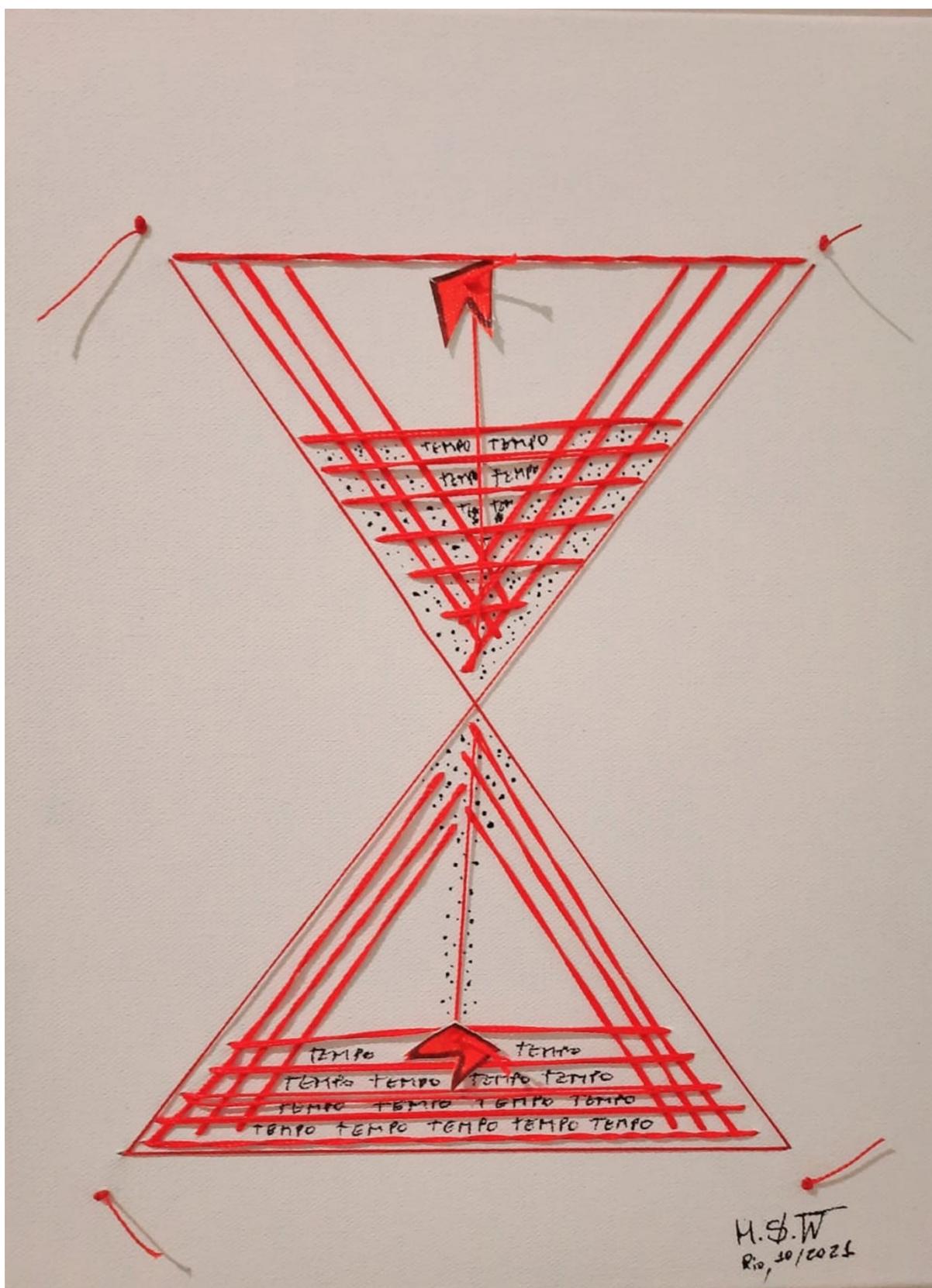
Para onde vamos depois do futuro?; fotografia digital, impressão fine art em papel algodão com tinta ecológica inkjet de pigmento mineral em base de água; tiragem 10; 90 x 60 cm; 2018

Miro PS



Criptografia #5; colagem em papel Canson, aplicado e placa de polipropileno;
80 x 100 cm; 2018

Morgana Souto Maior



Grão do meu tempo; acrílica, costuras e reuso s/ tela; 40 x 30 cm; 2021

Nilton Pinho



1960; acrílica e carvão s/ tela; 60 x 80 cm; 2021

Noemi Ribeiro



Homenagem aos ancestrais; digital composite a partir de fotografias de Noemi Ribeiro (Nautilus e relógio antigo), impressão em papel Canson 100% algodão; 40 x 40 cm; tiragem 1/1; 2018

Olívio Neto



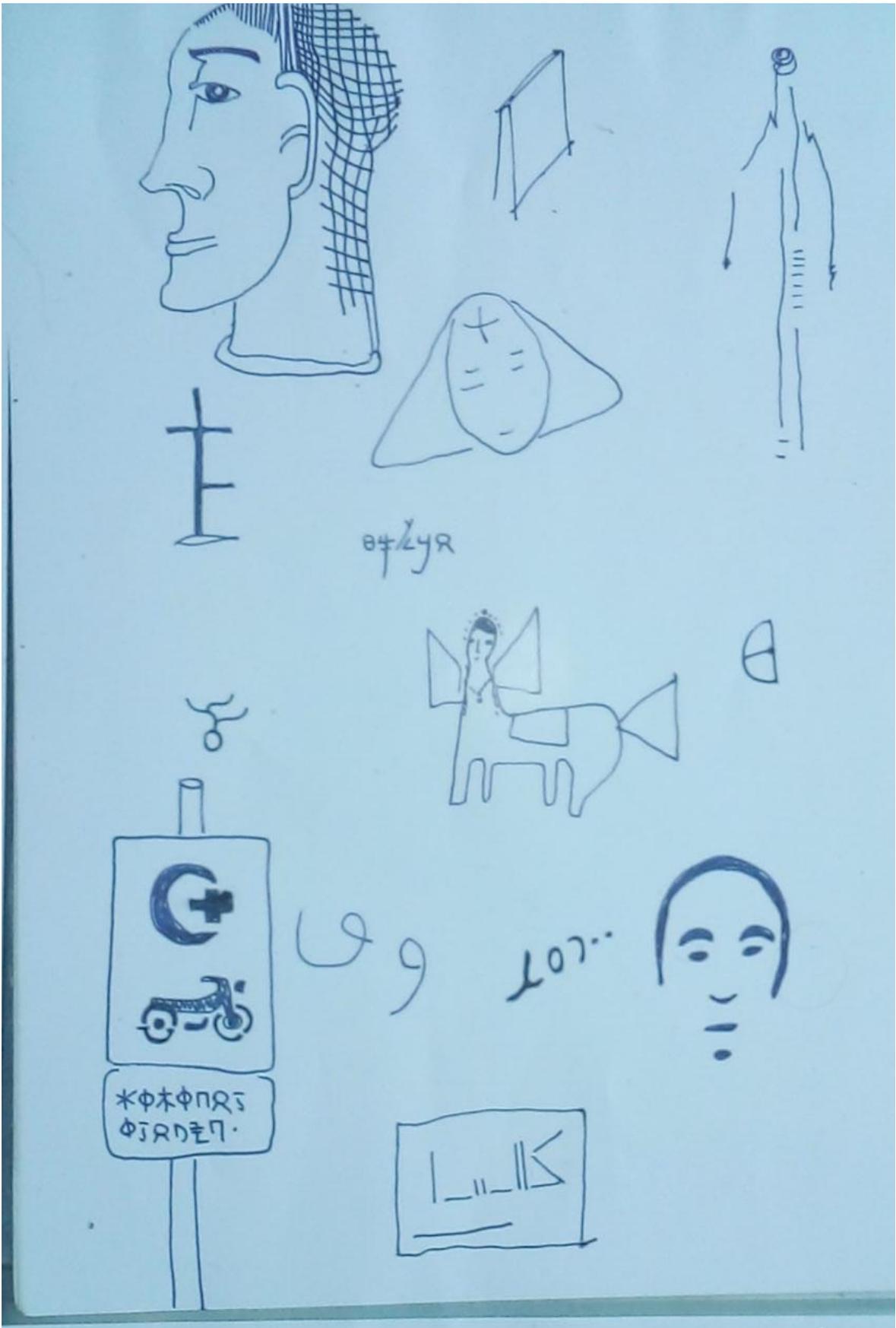
Ondas do Norte; acrílica e resina s/ tela; 110 x 80 cm; 2021

Pat Freire



Sem título; aquarela s/ papel; 12 x 32 cm; 2021

Pedro Bento



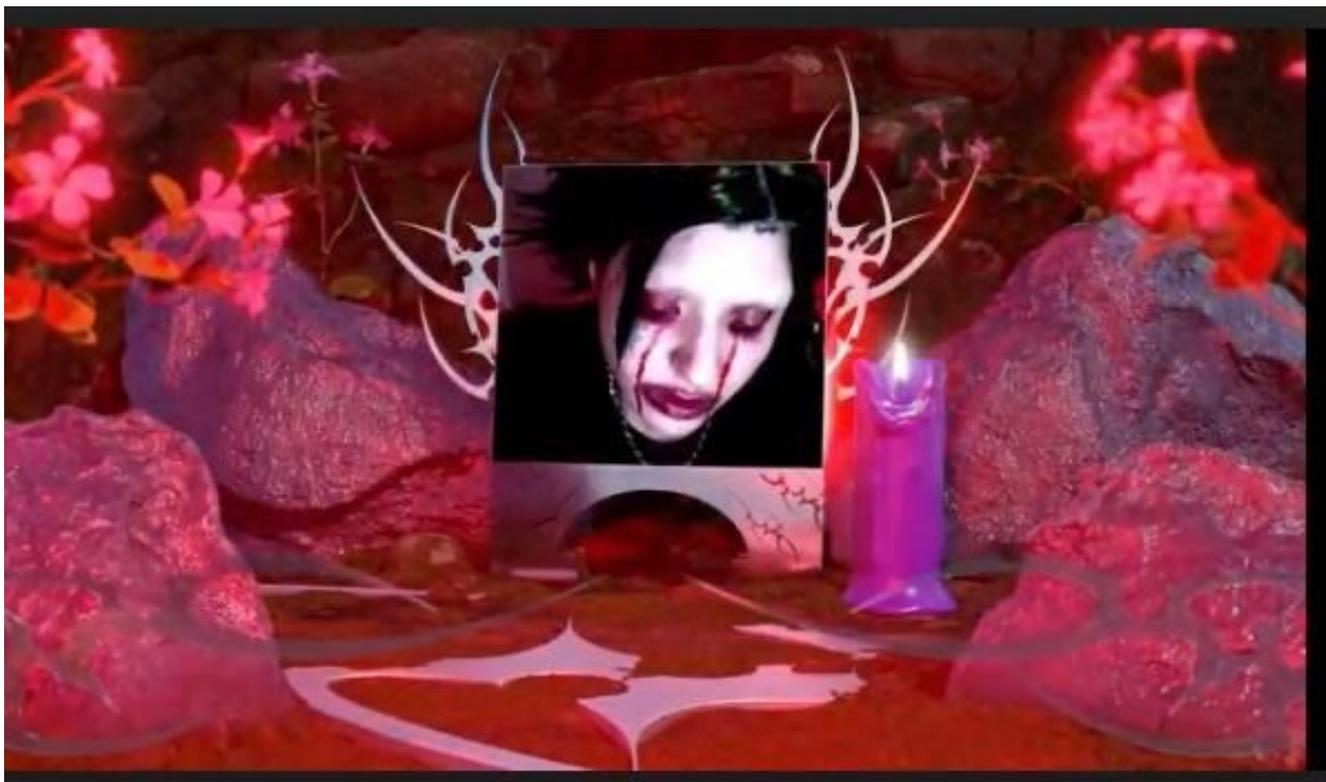
Primavera Árabe, Egito; desenho; 30 x 42 cm; 2017

piCCio



NecroPolítica; técnica mista; 16 x 25 cm; 2020

Pujollll



Anjos; fotografia digital, impressão fine art; 42 x 60 cm; 2021

Regina Moura



Tempo; monotipia, impressão fine art s/ papel; tiragem 5; 45 x 35 cm; 2021

tempo
fiar a teia, a impermanência, o tudo e o nada
fiar um tempo simbólico na arte
e contar o tempo no pulsar do coração,
...no ser e não ser
até se dissolver no azul

Roberto Negri



Tempo de quedas - Muro de Berlim - paz & amor; acrílica s/tela; 58 x 88 cm; 2019

Robinson Oliveira



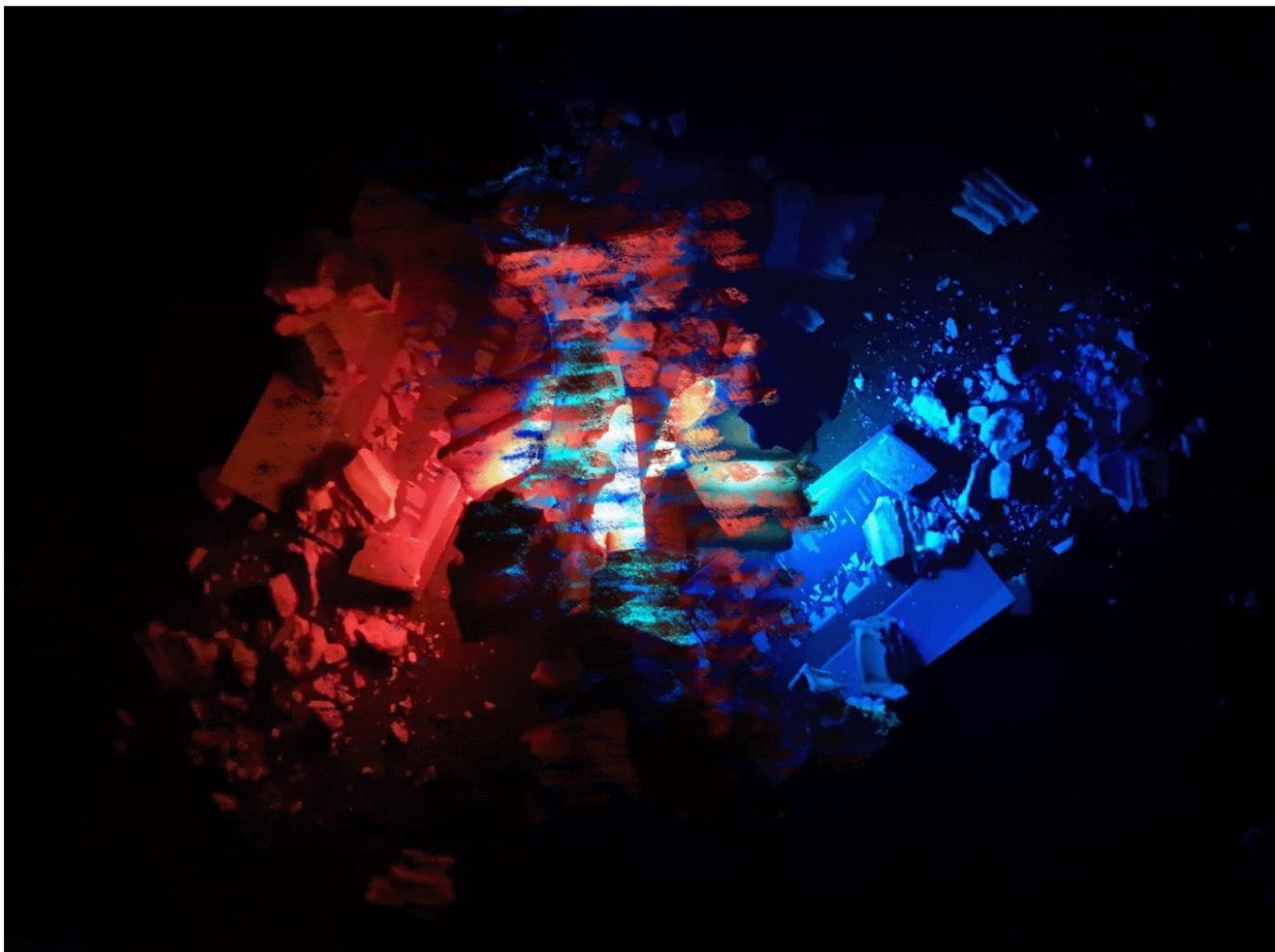
Autorretrato; acrílica s/ tela; 40 x 30 cm; 2020

Rosângela Soares Pinto



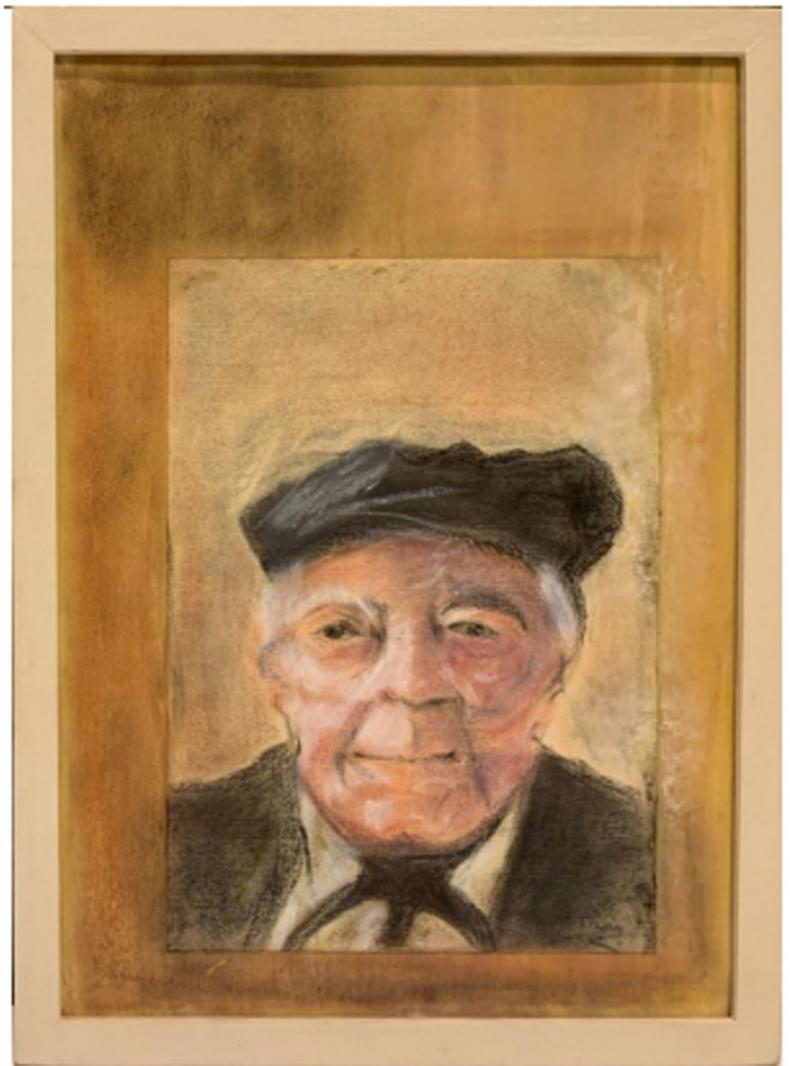
Milagre da Vida; arte digital, fotografia, impressão fine art; tiragem 1/5; 40 x 30 cm; 2021

Rose Aguiar



Incidental; fotografia digital, impressão em papel algodão; 50 x 70 cm; 2021

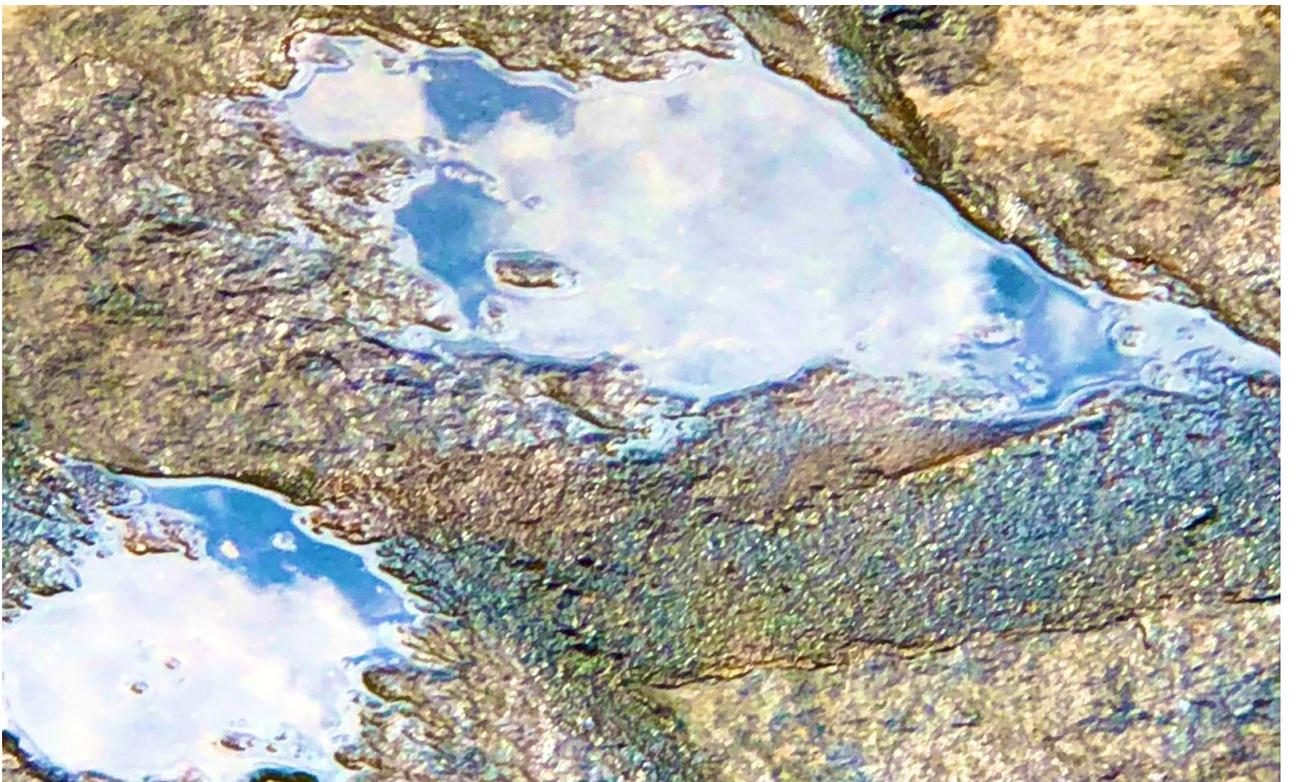
Rose Nobre



O Instante; técnica mista; 30 x 20 e 40 x 30 cm; 2016

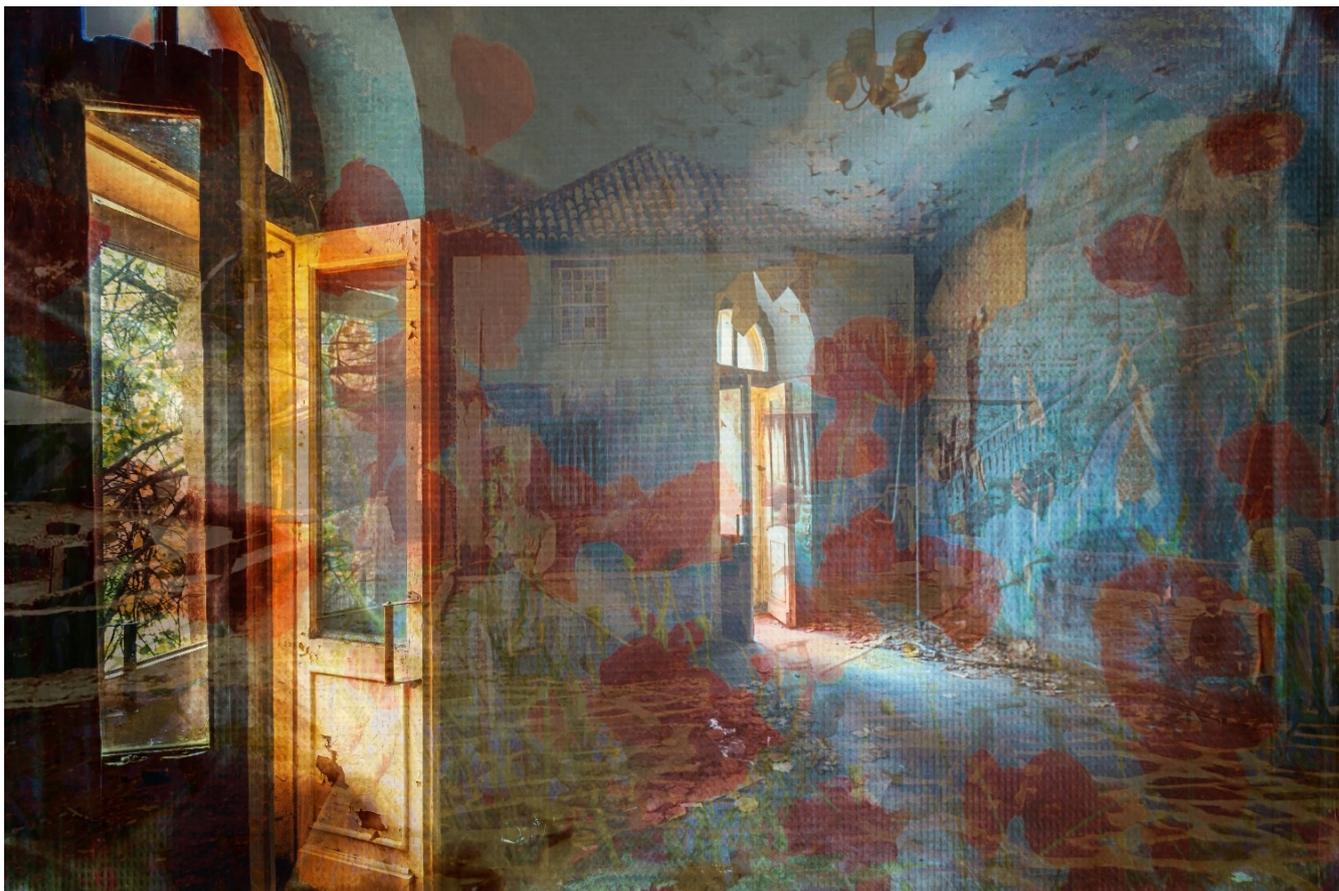
Que mistério é o Tempo!
Este instante já se despede para
um novo tempo surgir...
Não parece que o século XXI está agora iniciando?

Rosi Baetas



Reflexos do tempo (díptico); fotografias, impressão fine art; 30 x 50 cm (cada);
2021

Sandra Gonçalves



Sem título, série Tempo; fotografia, arte digital, impressão fine art; 60 x 90 cm; tiragem 6; 2021

Sandra Macedo



Vai passar...; óleo s/ madeira; 12 x 11 cm; 2020

Sandra Regina



Para além do tempo que se mede, série Para falar sobre sonhos esquecidos;
acrílica, pregos e britas s/ tela; 50 x 150 cm; 2020

Sandra Schechtman



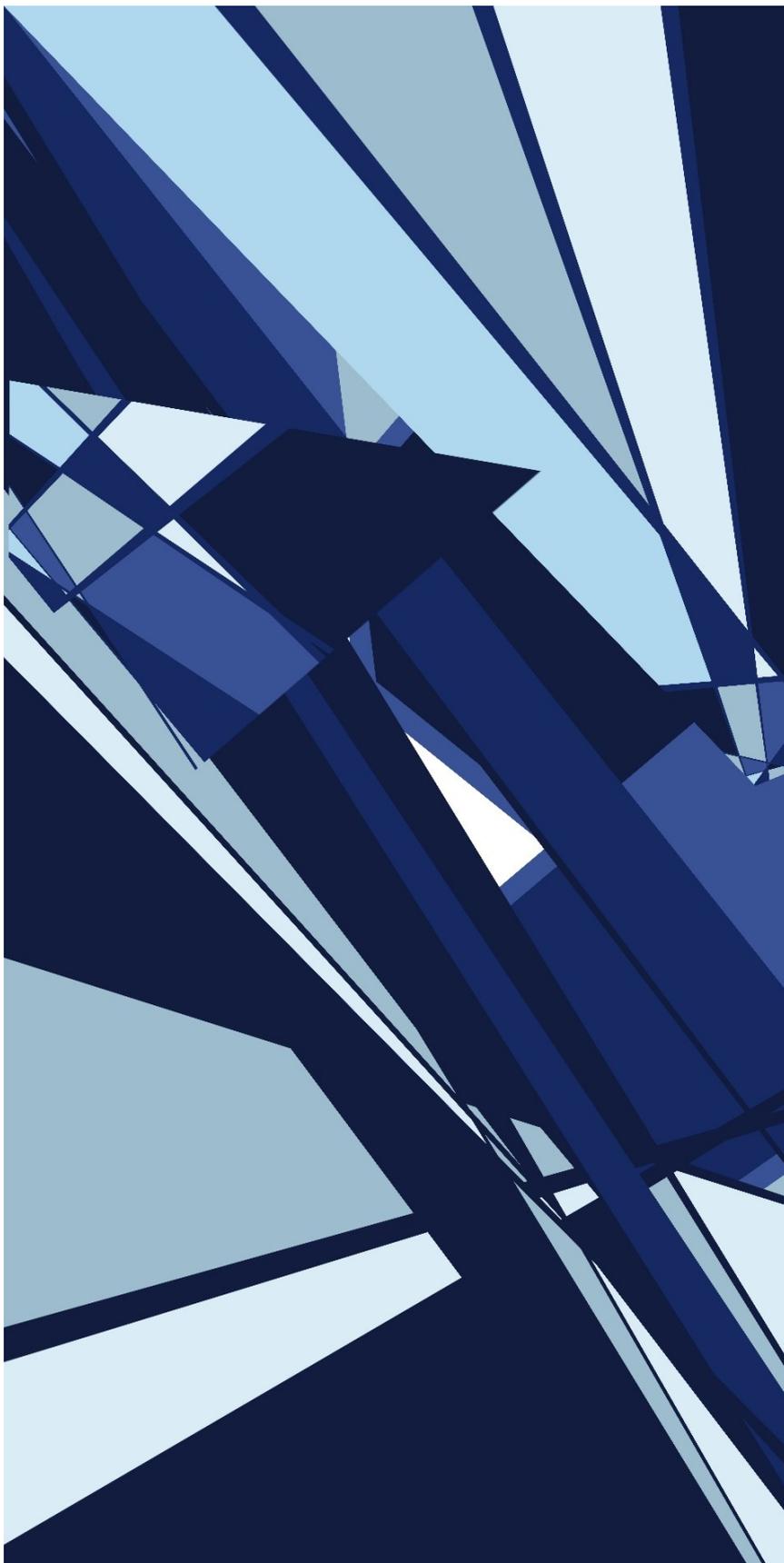
Pingo D'água; foto montagem impressa em papel fotográfico; 89 x 33 cm;
2007-2021; tiragem 10 cópias

Silvio Moréia



Pelo Tempo (autorretrato); técnica mista, fotografia digital, impressão fine art;
80 x 60 cm; tiragem 5; 2021

Simone Trombini



Cronograma; arte digital; tiragem 10 cópias; 200 x 100 cm; 2021

Sissi Kleuser



Triz; técnica mista s/ tela; 70 x 70 cm; 2019

Sonia Guaraldi



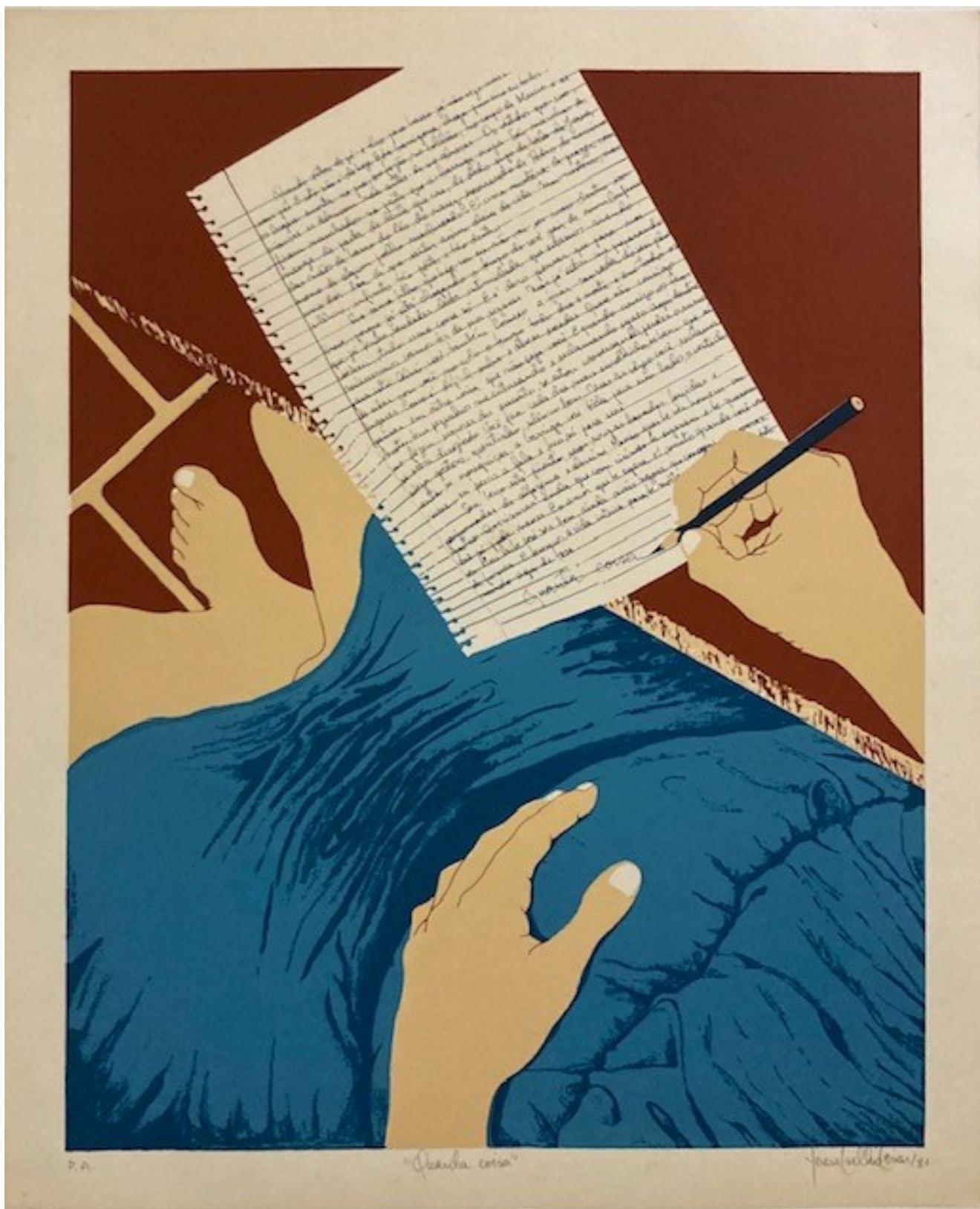
Tempo de dentro; fotografia com interferência digital, impressão em papel algodão; 50 x 50 cm; 2020

Stela Kaz



Coração: porque o tempo é de afetos; cerâmica moldada a mão, esmaltada com óxido de manganês, queimada a 1200C; 21 x 15 cm; cerca 2000

Teresa Coelho



Quanta Coisa; serigrafia, P.A.; 62 x 50 cm; 1981

Teresa Stengel



Florestas urbanas; gravura em metal s/ papel japonês, colagem s/ tela;
170 x 110 cm; 2021

Teresinha Mazzei



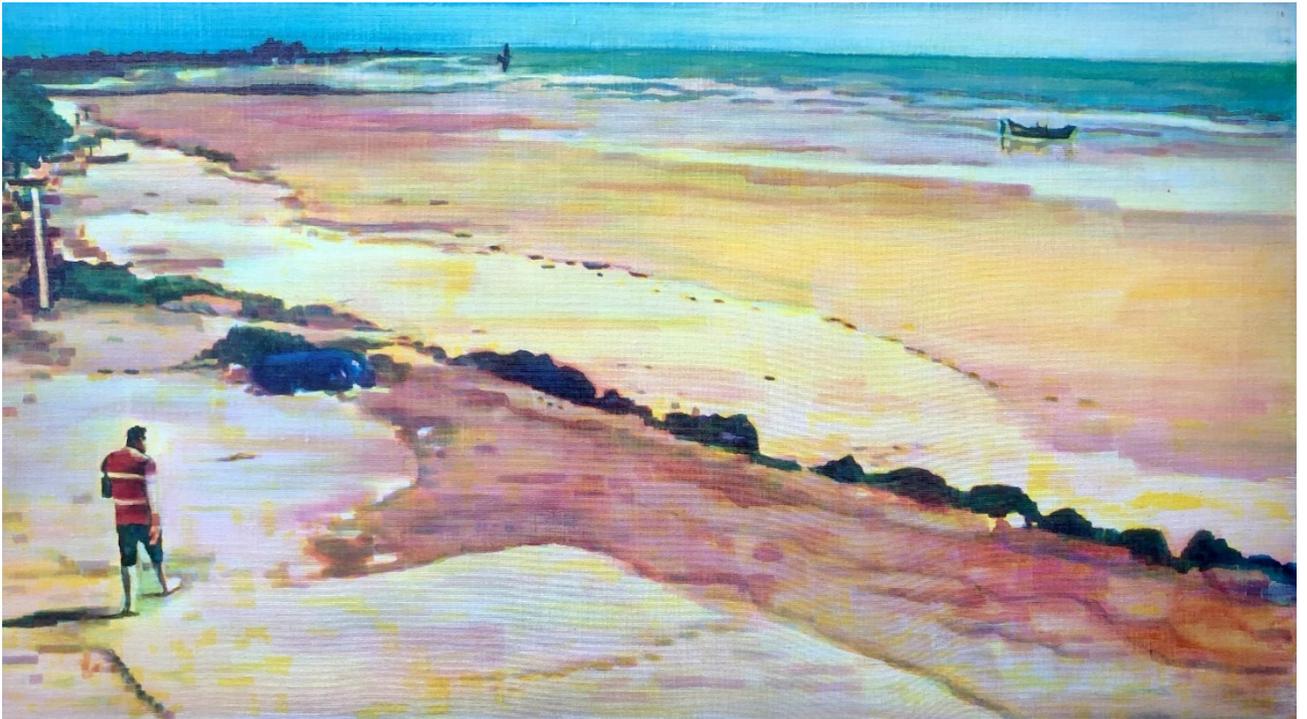
Tempo, série Diálogo das linhas; fotografia, arte digital, impressão fine art; 120 x 80 cm; 2017/2021

Thairna Patricia Lee



U R Multi Verses I; óleo s/ tela; 70 x 120 cm; 2020

Tina Velho



Saída das Canoas; Video instalação criada a partir da projeção de live video e vídeo sobre pintura com pigmentos minerais em tela de linho, Webcam Paraná (Praia do Matinhos, 26 de setembro de 2014 às 09:40); 39 x 69 cm; 2015

Uiara Bartira



Au revoir tristesse 2021 (díptico); tinta PVA, acrílica, impressão de linóleo a base d'agua; 70 x 140 cm; 2021

VeraLu



Corpo e tempo; óleo s/tela; 50 x 50 cm; 2021

Vilma Lima



Sem título; acrílica s/ tela; 51 cm de diâmetro; 2020

Zafira Nigri



Encontros; metal; 80 x 38 x 18 cm; 2020